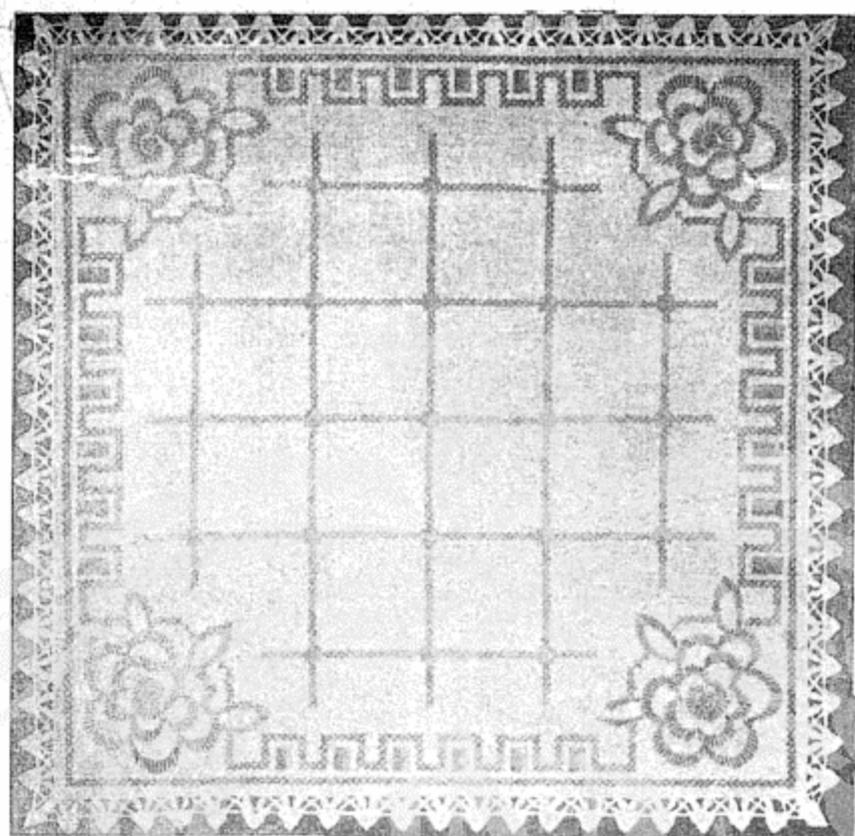


FON
fon



NESTE NUMERO:

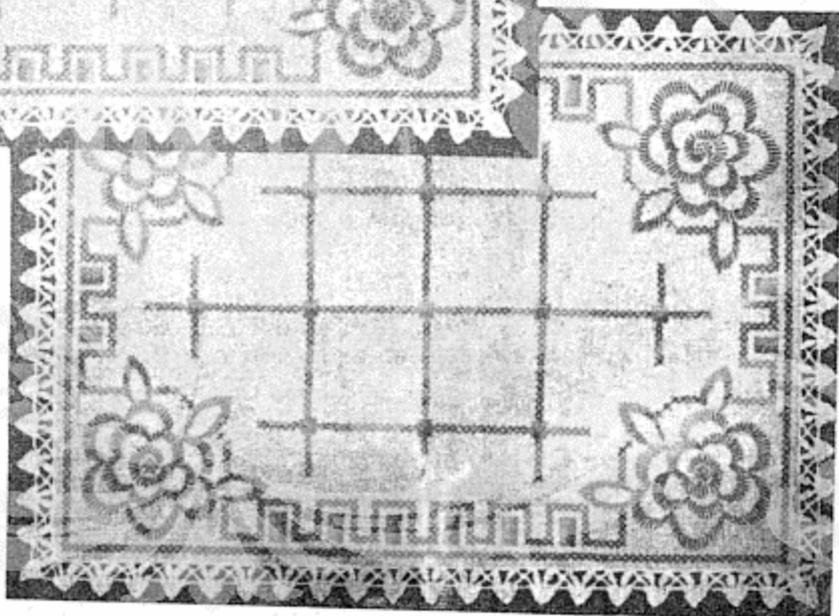
*as mais recentes fotografias de
"Miss" Shirley Temple*



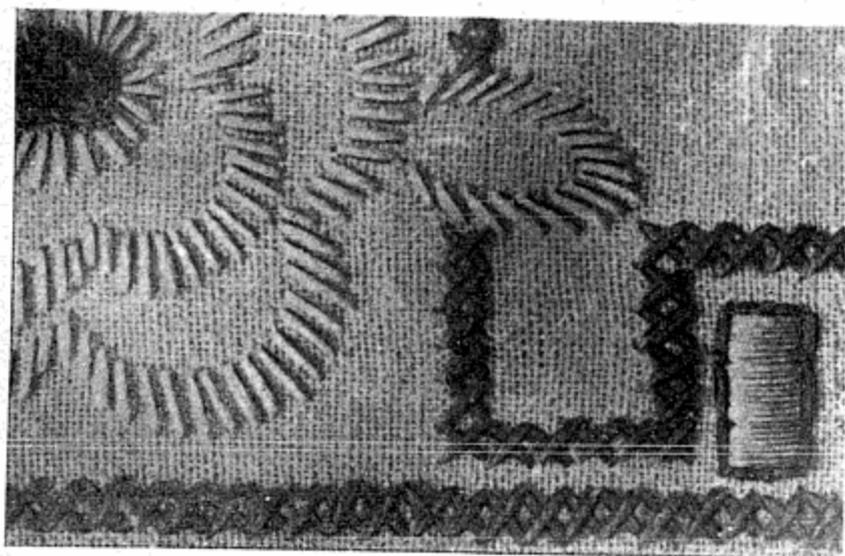
DUAS originais toalhas, bordadas em lã, sobre linho creme.

O bordado é feito com lã "Bon Pasteur", sendo as flores em ponto liso e separado e o quadriculado em ponto de cruz.

O contorno e o quadriculado devem ser feitos com lã marrom e as flores



Toalhas
bordadas
em lã



em dois tons de rosa, sendo um salmão, ou dois tons de azul. O centro das flores é feito com pontos de nó em lã preta. São contornadas por uma renda da cor do linho.

ANO XXXVI

NÚMERO 44

Diretor :

SERGIO SILVA

Rio de Janeiro,
31 de Outubro
de 1942

FON

Fôrça e coesão

“**S**IGAM-ME os que forem brasileiros”. A legenda épica de Itororó, tecida com a frase de Caxias, tão sugestiva e tão envolvente na sua expressão patriótica, é bem oportuna e bem atual na inquietação desta hora tórrida em que a Pátria mobiliza todas as suas energias para reprimir e castigar as afrontas á soberania nacional. Revestem-se as palavras do grande soldado brasileiro, cuja espada é um símbolo de bravura magnánima, de uma significação especial na atualidade brasileira.

A juventude de agora, alma e sentinela da Pátria, que guarda os tesouros mais puros da nossa grandeza, que defende os princípios mais nobres da nossa liberdade, tem o dever de concorrer para a garantia da independência sonhada por Tiradentes e efetivada pela vitória dos patriotas de 1822.

O solo do Brasil, fecundo e imenso nas suas inesgotáveis riquezas naturais, é alvo da ambição desmedida dos conquistadores infames que procuram esmagar a sensibilidade dos povos trabalhadores e pacíficos. Somos uma grande nação, onde quasi cinquenta milhões de habitantes desenvolvem, placidamente, as suas atividades. Precisamos, por isso, ser fortes pelas armas para fazer valer a nossa honra e repelir, altivamente, as pérfidas agressões do inimigo desleal. Preparemo-nos para a guerra que nos impôs, barbaramente, o nazi-fascismo sanguinário e cruel. Não devemos dormir sôbre a nossa grandeza, porque estão bem despertos os que nos ameaçam com a escravidão totalitária. A fôrça é a segurança da tranquilidade. E' velho o popular aforisma que, prudentemente, sentença: *Si vis pacem, para bellum*. Nós brasileiros, que só desejamos a paz, acatamos a sábia advertência do conceito latino para precinizar a guerra como necessidade vital da nossa integridade.

Só o país militarmente organizado, fortemente apoiado nas armas, poderá reagir á investida furiosa dos conquistadores internacionais. E no concerto das nações só tem a palavra o povo que não depende de outro para impor a sua soberania. E' o que se observa, com evidência positiva, nesta tremenda guerra desencadeada pelo desespero paranóico de Hitler e que está subvertendo a face do mundo.

A hegemonia militar do Brasil é um imperativo da hora presente. Da hora amarga que estão vivendo todos os povos livres e todos os nossos irmãos das Américas. O papel da mocidade é colaborar, com o seu contingente de energias, nesse predomínio que representa, no atual momento, o supremo interesse da Pátria.

O movimento de exaltação patriótica que ora se acentua, promissoramente, em todo o país, revela o empenho do brasileiro pela obra ingente do nosso preparo militar quando vemos crescer, ameaçadoramente, o secular espantalho do poderio germânico.

Graças á bravura gloriosa dos nossos chefes militares, tão bem simbolizada na figura mágica de Caxias, o Brasil nunca foi vencido, nem jamais procurou humilhar os mais fracos, como o faz, agora, a Alemanha de Hitler, imitada por seus pusilânimes satélites que nem merecem importância. Aliás, a atitude do Brasil em face das outras nações, tanto no Império como na República, tem sido, sempre, uma linha reta entre o dever e a honra. Os erros naturais dos regimes nunca alteraram essa norma de conduta que enobrece e dignifica a alma generosa da nossa terra.

Armemo-nos para ser fortes. Armemo-nos para defender o nosso lar, para assegurar a nossa liberdade, para garantir a nossa honra. Armemo-nos para poder repelir o invasor e aplicar no vil agressor o necessário corretivo.

Mocidade da minha Pátria! Uní-vos num só pensamento, numa única aspiração: a vitória e o engrandecimento do Brasil.

M A R T I N S C A P I S T R A N O

LADRÕES de MARIDOS

Conto de Rosário Beltrão Nunes

— É verdade que o amor vivido em uma longa existência não perde nada da maravilhosa poesia dos primeiros tempos?

Ele, pronto já para cortar um galho de madre-silva, respondeu:

— Querida, a afirmação de um amor através das alternativas da existência tem em si uma beleza que a maior parte, desde logo, não consegue viver, porque nada foi dado por igual a todos, nem mesmo a dor, que aparentemente parece nivelar-nos por ser a única cousa que não falta nem ao pobre nem ao rico.

Deu o galho cortado á esposa, que uniu por um segundo sua cabeça grisalha á dele, já completamente branca.

— Agora, como nunca — continuou êle, enquanto os dois começavam a andar por um caminho de sombras entretecidas de sol, — sinto que com nosso amor vivemos a poesia mais própria, a poesia essencial da vida e da natureza humanas. Por isso mesmo, tenho consciência de que a gozamos, agora, em sua máxima plenitude, porque nela está nosso passado, assim indivisivelmente nosso, com o melhor que tive, e o presente, com esta sensação de havermos sido sempre os dois um só, e com não sei que aspiração ao imortal...

— Ah! Olha, olha quem vem aí!... — exclamou ela, avançando, e rompendo, de repente, a sutil ligação de pensamentos com que êle aprisionava seu espírito comunicando-lhe essa energia de paixão que os manteve sempre tão unidos nos sonhos e nas realidades de uma longa existência.

— Mãe!... Oh! pai!...

Clarinha beijou-os. E os três, trocando as frases habituais, puseram-se a caminhar. Entre os dois velhos, a juvenil figura da filha era como a síntese viva de quanto acabava de dizer o pai, com o azul da poesia florindo-lhe nos olhos.

— E Alfredo?

— Está aí — respondeu Clarinha, com um timbre frio, de metal, na voz.

— Passa-se alguma cousa, filha?

— Não, não, papai...

E a jovem riu, perturbada, para depois prosseguir:

— Que queres que se passe? Alguns probleminhas de ordem inteiramente doméstica. Mamãe pode ajudar-me a resolvê-los. Permites que ta roube um momento? Sim?... Apaixonado!

— Ah!... — suspirou êle. — Estas senhoras modernas são cheias de tantas valentias e... não sabem resolver sozinhas os seus problemas domésticos... Precisam sempre da mamãe...

— Vou roubar-ta um instante, sim?...



Afastaram-se as duas. Ele as viu desaparecer juntas no alto da escada que subia ao p^ortico senhorial. E, lentamente, voltou a suas plantas, observando aqui um matiz v^olento, ali uma ramagem exuberante ou a estranha sensibilidade das camp^ululas azues que come^çavam a fechar-se juntamente com a ignea corola que ia inclin^{an}do-se al^em, s^ob^re o horizonte. Devia ocorrer algo a sua filha. Com este pensamento seus olhos acariciavam as frondes cuja frescura tanto lhe agradava ao esp^írito. Devia ocorrer-lhe algo...

Efetivamente, sua intui^ço[~] n^o se enganava. Logo que as duas senhoras entraram na sala de costura, Clarinha caiu, com dram^ática lassid^ão, em uma das poltronas.

— Mam^ãe... mam^ãe, vou divorciar-me!... E' inilud^ível! Fatal!

A m^ãe teve um gesto de espanto, que dominou imediatamente com um sorriso um tanto enigm^ático, cuja express^ão verteu em seus olhos entrecerrados um brilho de intelig^enc^{ia} penetrante, sutil.

— Sim. Alfredo continua com... com aquilo que eu te disse. E bem conheces meu orgulho, minha dignidade de mulher! Ah! n^ão posso mais suportar isso! S^ó o div^órcio...

— Mas, Clarinha — interrompeu-a a m^ãe, sentando-se junto dela, — sabes o que significa o div^órcio? Sim, o di-v^órcio? E para uma mulher como tu, feita para o lar, educada para o lar...

— Ah! mam^ãe, n^ão me venhas com antigalhas!... — Antigalhas poder^ás encontrar em uma dessas esquisitices da moda, e nunca no que se refere a teu cora^ço[~], no essencialmente humano, que, diga-se o que se disser, n^ão varia nunca, e \acute{e} sempre o mesmo. Gostas de teu marido?

— Ah!... ainda o perguntas? Com decep^ço[~] e tudo...

— Ent^ão tens que lutar tenazmente, entendes? Te-naz-men-te!... Tens que lutar assim para recuperar tua felicidade. E n^ão dar-te por vencida com teu famoso orgulho e o conselho de algumas amiguinhas. Escuta: conheces o conceito de que Paris bem valia uma missa?... Pois bem, filha: um marido vale cem! O resto n^ão tem import^ãncia. Olha: teu pai e eu...

Clarinha riu. E, com amargura, disse:

— Se houvesse muitos homens como meu pai!... Nunca \acute{e} le te deu um desg^osto, mam^ãe. E' um homem de talento e de um cora^ço[~] maravilhoso. Viveu inteiramente para a esposa e para os filhos...

Nos olhos da m^ãe tornava a acender-se o brilho penetrante, sutil, que iluminava as p^álpebras entrecerradas com um novo, estranho sorriso enigm^ático.

— Vais comparar meu caso com o teu? — continuava Clarinha, exaltada. — E' uma injusti^ça para com meu pai!

— Olha, Clarinha, acalma-te e n^ão digas disparates, por favor! Escuta-me dez minutos... Teu pai possui todas essas qualidades que acabas de enumerar, e ainda outras. Mas, antes de tudo, e sobretudo, \acute{e} homem. E se teve sempre grandes qualidades n^ão comuns \acute{a} infinita gama de maridos que existiram e que existem no mundo, teve, tamb \acute{e} m, alguns defeitos..., pelos quais costumam identificar-se, n^ão sei por que acasos misteriosos, todos, todos... At \acute{e} os excepcionais...

— Ah!, sim... Mas n^ão me dir^ás que em teu caso...

— Querida, vou contar-te alguma coisa... Escuta: quando tu e teu irm^ão eram muito pequenos, talvez porque eu estivesse muito entregue aos dois, enfim, n^ão sei... teu pai foi perturbado, (sim, essa \acute{e} a palavra) foi perturbado por uma paix^ãozinha que come^çou a crescer e a amea^çar minha felicidade. Eu estava perplexa e desesperada ao mesmo tempo, e n^ão sabia que fazer. S^ó procurei, por sorte, n^ão deixar transparecer que eu conhecia o seu segred^o. Obsc^uda pelo receio de perd \acute{e} -lo, pois nessa \acute{e} poca n^ão se falava em div^órcio assim, com essa louca facilidade de agora, fui visitar uma amiga que se encontrava separada de seu marido. Ela me ouviu, e disse-me: "Olha, se eu tornasse a casar, o segundo marido n^ão me escaparia assim. Ah, n^ão!" Aconselhou-me a reconquista... E para isso..., vestir mais, ostentar, ser elegante, compreendes? O que \acute{e} sempre aconselhado nesses casos. E tu, que gastas um dinheir^ão e corres de festa em festa...

— Sim. Tamb \acute{e} m j^á mo aconselharam...

— Ah, conhe^{ço} o mundo, filha! O resultado foi absolutamente negativo. Um desast^re! Retraida de novo a meu lar, mais s^ó que antes, n^ão sabia que fazer. Calava-me ainda, com a esperan^ça e g^ust^ozante, porque n^ão tinha apoio, porque os dias pas-

(Conclue nas p^áginas seguintes)



PHENOMENO



É
O GRANDE E
ANTIGO
SEGREDO
QUE
TORNA LINDOS
OS
CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ
R. Visc. DO RIO BRANCO, 60-RIO-

LADRONAS DE MARIDOS

(Conclusão)

savam e meu segredo me asfixiava... Corria tudo assim, quando, um belo dia, o chamou pelo telefone uma tal Gladys... Bonito nome, não?... Ele, encerrado em seu escritório, fingindo que trabalhava, converso: longamente com ela. Era uma amiga de Nora, a outra ladrona de maridos, como eu a chamava em meu desespêro. Os telefonemas foram tornando-se mais assíduos. Era indubitável que a segunda, nas costas da outra, tecia uma intriga sentimental para tomá-lo. Imagina meu estado de alma! Minha esperança, porém, se avivou... Se outra mulher podia afastá-lo de Nora, eu, como esposa..., por que também não o tentaria? Eu vivia observando-o, caçando no ar qualquer frase que pudesse revelar-me seu autêntico estado de alma, encoberto pelo que ele me fingia. Verifiquei que ele se interessava muito por Gladys, que, como consequência disto, tinha desgostos com a outra. O telefone funcionava em casa mais que habitualmente. Mas ele não podia chamar Gladys, porque esta ainda não queria dar-se a conhecer pessoalmente. Intrigado e divertido, teu pai vivia com a cabeça nas nuvens. Mas já não era somente eu que tinha desgostos. Evidentemente, eram, também, grandes os da tal Nora... Afinal, um dia, eu soube que Gladys aceitava uma entrevista em Palermo. E aproveitei, imediatamente, a oportunidade: pedi a uma amiga que te levasse a ti e a teu irmão a tomar sol nos arredores do lago. E ela fazia o possível para que suas mãos ficassem ocupadas em segurar as mãozinhas dos filhos. Assim ocorreu. Mas encontrou-o só ainda. Desbaratada a entrevista, voltaram juntos para casa. Devia ser comovedor o quadro de teu pai entre seus dois filhinhos! A' noite, sem dúvida, Gladys lho disse, em uma longa conversação que mantiveram pelo telefone, porque ele esteve muito melancólico e muito terno contigo e teu irmão. Desde esse dia ela espaçou suas ligações, e muitas vezes ele não safa, esperando-as com impaciência. Procurei, então, tornar-lhe agradáveis esses momentos, sem exageros sentimentais. E, sobretudo, punha na tua boca e na de teu irmãozinho frases doces, meigas e intencionais, que os dois repetiam com toda a inocência do mundo. Posso assegurar-te que elas lhe chegavam ao coração mais que todas as censuras que eu pudesse fazer-lhe como esposa... Afinal, em um baile, Gladys deixou-se ver. Uma rapariga como tantas outras, vulgar, sem grande beleza, com menos graça que pelo telefone. Durante toda a noite ela lhe falou, melancolicamente, dolorida, de seus filhinhos e de sua esposa, destinada a envelhecer a seu lado... Porque ela, desde que viu os meninos... Além disso, agora a cortejava um rapaz, e a mãe sonhava em vê-la casada... Ele insistiu ainda. Os homens são assim... Então ela lhe propôs que se submettessem a uma prova. Já que se conheciam pessoalmente e não se haviam enganado, que lhe parecia se passassem um mês sem ver-se? Ela lhe falaria, de quando em quando, pelo telefone, e ele, entretanto, ficaria as noites em casa, junto a seus filhinhos... E, sobretudo, nada de Noras nem de Norinhas! E se alguma noite lhe telefonasse, é não o encontrasse em casa, mas soubesse que ele se achava na casa da outra, que decepção e que desgosto para ela! Se o amor de ambos subsistisse a essa prova, então os dois tomariam uma resolução avançada e definitiva. Bem podes imaginar, querida, como me foram propícias essas noites para reconquistá-lo, sobretudo valendo-me de ti e de teu irmão. Gladys falou-lhe algumas vezes, mas continuava parecendo

Perfumaria

A sedução dos olhos



está na beleza
dos Cílios..

Cílion

um produto
Moura Brasil



CILION combate caspas e terçol

uma consciência com remorsos... Tanto que, quando ela lhe disse que, instada por sua mãe, ficara noiva de seu cortejador, ele suspirou com verdadeiro alívio. E desde então, filha, cuidei de minha felicidade jurando que ele não tornaria a cair nas malhas de qualquer uma dessas ladronas de maridos.

— E' que tiveste sorte, mamãe, que tua rival fôsse essa Gladys.

— O que ela nunca soube, filha, é que sua Gladys, como a chamava o maroto, lhe falava pelo telefone que eu mandara instalar num recanto de minha própria casa, nem que me custou trezentos mil réis a rapariga que foi ao baile para substituir-me...

Notas de Arte

O SALÃO DE 1942. — Embora especialmente convidado, não nos foi possível comparecer á inauguração do 45º Salão de Belas Artes, aberto ao público de 1º a 30 de setembro, mas visitamo-lo depois, meia dúzia de vezes, examinando-o rapidamente em conjunto, e com menos celeridade, alguns trabalhos que nessa vista de relance mais nos chamaram a atenção.

Constituído por 520 obras plásticas, cuja distribuição catalogal obedeceu simultânea e confusamente a vários critérios, não se pode, salvo contagem minuciosa e direta, de execução demorada, saber ao certo o número exato de produções pertencentes á cada categoria das belas artes. Só se sabe que se expuzeram obras de pintura, escultura, desenho, artes gráficas e artes aplicadas, predominando visivelmente, e como sempre, as da primeira categoria, as obras de pintura.

A primeira impressão que nos deu a vista de relance dos trabalhos expostos, foi a de que não eram poucas as produções picturais do, que chamamos, *genero extravagante*: mais borrões do que pinturas. Como tipo característico do genero, ficou-nos na retina o monstro intitulado — *Procição do enterro* (n. 379), de autoria de Luiz Santos.

É possível seja este um pintor no bom sentido do termo, mas através desse quadro revela-se apenas um borrador exímio. Dizemo-lo exímio porque talvez haja empregado processos difíceis para pintar o seu borrão, tal como um orador humorista para fazer um belo bestialógico. Se assim é, muito mal empregada a sua técnica. Empregue-a em produzir verdadeiras obras de arte, e não aleijões ultrapassadistas com pretensões a arte nova, arte modernista, arte do futuro. Façam o mesmo os outros expositores que cultivam também o *genero extravagante*. Em todo o caso, dada a desordem espiritual da época, desordem cada vez mais profunda, é provável haja quem aprecie o genero: há gosto para tudo. Para essa gente, *Procição do enterro* deve ser... uma obra-prima...

Em plano inteiramente oposto, avultam á nossa vista, impressionam a nossa sensibilidade, produções de alto valor artístico, verdadeiros poemas plásticos, cada qual um primor no seu genero.

Segundo a numeração do Catalogo, abre a lista — *Flores*, de Armando Viana (n. 42). Um ramo de rosas dentro de um vaso. Nada mais simples. Entretanto nada mais belo em todo o certamen. Perto ou distante, as rosas artificiais parecem rosas naturais. Não sensibilizam apenas a vista. Impressionam o olfato. Sentomolhes o perfume.

Orquídeas, de Carlos Oswaldo (n. 51), rival de *Flores*. Só não perfumam, porque as lillas e catleias em geral não têm cheiro. Mas confundem-se as pintadas com as naturais. A qualquer distância, parecem estar vivas no quadro.

Peixe e Camarões, chamemo-lhes assim ás 2 *Naturezas Mortas* (n. 131 e 132), de Manoel Constantino,

(Continua na pág. seguinte)



Seja moderna
Prefira um pó de arroz
científico

• É um pó esterilizado que nunca prejudica a cutis. • Adere 2 vezes mais firmemente porque é de consistência superfina, dando sempre ao seu rosto a aparência linda e aveludada de uma pétala. • Cada caixa contém o peso integral de 60 grs. de Pó de Arroz "Marie Lod", que é muito mais econômico! • 9 cores modernas, uma das quais é feita para combinar exatamente com o seu tipo. • Seu delicioso perfume completa a requintada elegância da mulher moderna.

Os Segredos de Beleza
da mulher moderna

Marie Lod
RIO
NOVA-YORK

O cold-cream Marie Lod limpa, alimenta e aveluda a pele. Nas boas casas do ramo.



Quanto Melhor!

Agora já não me
importo de usar

MEIAS ELÁSTICAS

si são

BAUER & BLACK CONTRA AS VARIZES



Uma combinação de conforto eficaz e de elegância higiênica! Tecidas com "Lastex"—a filaza prodigiosa— as Meias Elásticas Bauer & Black, de tons neutros, dão cômodo alívio às pessoas que sofrem de varizes superficiais: e não se tornam notadas nem mesmo por baixo das meias mais finas! Tensão uniforme, apoio duradouro, fácil adaptação—são o resultado da sua elasticidade "via dupla."

Muitos clínicos dos Estados Unidos recomendam e aconselham altamente o uso de Meias Elásticas Bauer & Black aos seus pacientes que sofrem de varizes. Sete tipos diferentes para homens e senhoras—nas lojas de material cirúrgico e ortopédico.

Só as Meias Elásticas Bauer & Black são fabricadas de "Lastex," assegurando melhores resultados com agradável conforto. As senhoras acham que os tons neutros destas meias, pouco visíveis, as tornam especialmente recomendáveis.

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

onde predomina, num — uma vasilha com um exemplar crú da última classe dos vertebrados, noutro — uma frigideira com um punhado daqueles crustáceos, avermelhados pela torrefação. Tudo parece mais esculpido que pintado; tal a ilusão de volume, que nos dão os objetos pintados. E essa ilusão tem-se a quase todas as distâncias. Em ambas as telas alta-se a perfeição da linha com a beleza do colorido. Os *Camarões* torrados se confundem tanto com a realidade que chegam a excitar o apetite...

Canto de mesa, de Oswaldo Teixeira (n. 154) está para *Peixe e Camarões*, de Manoel Constantino como *Flores*, de Armando Viana para *Orquideas*, de Carlos Oswald. Rivalizam pela identidade do assunto, e pela beleza da composição. A só diferença é que os quadros de Constantino nos parecem mais pensados, e o de Oswald mais sentido. Todos três igualmente de belezaincomum.

Juventude, do jovem artista Ado Malagoli — que pelo nome não cremos seja racialemente brasileiro, embora tenha nascido no Brasil — é um espécimen de arte perfeita e comunicativa. É um nú, mas um nú casto, onde a nudez não é pretexto para estimular o egoísmo e sim um símbolo de inocência que emociona a nossa sensibilidade superior e encanta a vista e o coração. Realmente grande pequeno quadro (n. 268).

Encerrando a série de primores, que conseguimos distinguir, avulta o quadro vivo, tão perfeito pelo desenho como pelo colorido — *Princesa Persa* (n. 482), de Dimitri Ismailowich. A figura idealizada é a da grande pintora brasileira nascida em Portugal — Maria Margarida. A tela é mais uma das obras-primas do notável artista russo, cuja arte se caracteriza pela perfeição invulgar com que reproduz a figura humana.

A essas produções que merecem ser cognominadas as obras-primas do *Salão*, juntam-se outros primores, que sobresaem, ou pela grandeza dos traços e das cores, ou pela força comunicativa que deles emana, revelando todos o talento e a arte dos autores.

Tais nos aparecem as esculturas: *A morte de Lindola*, de Amelia Sabino de Oliveira; *após o bailado e Bailarina* — de Flory Gama; as pinturas: *Velho Capoeira*, de Atilio Baldocchi; *Estrada São Paulo-Paraná*, de Oscar Campiglia; *Baiana de Bomfim*, de Raul Deveza; *Copos de leite*, de E. Fonseca; *Retratos*, de Eliseu Visconti; *Mamão e melões*, de João Dutra; *Balana*, de Leopoldo Gotuzzo; *Montanhas da Tijuca*, de M. Vasconcelos; *Santa Genoveva*, de Manoel Madruga; *Sapucaieira de Aguas Fereiras*, de Manoel Faria; *Horta*, de Manoel Teixeira da Rocha; *Paisagem de inverno*, de Maria Francelina; *Nebliua*, de Pedro

À Mulher Brasileira...

Um grande sucesso de livraria, encerrando uma série de conselhos e ensinamentos práticos que toda mulher deve seguir em benefício da sua Saúde, Beleza e Mocidade!



Pedidos a Léa Silva — Rádio Nacional, acompanhados do cupom abaixo e da importância de 15\$000 ou nas principais livrarias do Rio.

Nome

Rua

Cidade

Estado

LEIAM os romances de FON-FON, que se encontram á venda na Companhia Editora "Fon-Fon" e "Seleta", á Rua da Assembléa, 62. — Rio de Janeiro. — Variadíssimas coleções.

Bruno; *Matinas, Arcadas de S. Francisco e Extase*, de Presciliano Silva; *Capela — Saco de S. Francisco* (paisagem), de Ramos Filho; *Repouso da luz e Um que precisa*, de Gastão Formenti; *O último Farrapo*, de Gerson de Azeredo Coutinho; *Quietude*, de Jurandyr Paes Leme; *Vaqueiro de Cariri*, de João José Rescala; *Caminho abandonado e Dia de sol*, de Anibal Mattos; *Valc do Rio Doce e Últimos reflexos*, de Levino Fanzeres; *Torres cariocas e Repouso*, de Luiz Fernandes de Almeida Junior; *Negra*, de Orlando Teruz; *Lírios*, de Maria Margarida; as gravuras: *Camilo Castelo Branco e Visconde do Rio Branco* — de Orlando Maia.

Ocorre-nos ainda citar, entre as obras que também nos sensibilisaram de modo mais especial, as pinturas: *Auto-retrato*, de Aloyne Radiero de Aquino; *Retrato da senhorita Eny*, de Alfredo Galvão; *Dia de Folga*, de Antonio Cunha; *Didi e Natureza em festa*, de Armando Vianna; *Retrato*, de Augusto Bracet; *Filho! Filho! Filho!*, de Carlos Oswald; *Retrato de Mme. M. da S.*, de Cléo Romero; *Natureza Morta*, de Virgílio della Monica; *Maisagem*, de Raul Deveza; *Bordando*, de Edgard Oehlmeyer; *Solar dos Vieira*, de Edgard Parreiras; *Retrato da pintora Odette Barcellos*, de Manuel Madruga; *Plabanha*, de Manuel Faria; *Retrato da Senhora M. S. e Casa do Moinho*, de Oswaldo Teixeira; *Flores "Zinias"*, de Robert de Capol; *Raquelita*, de Rosina Síviero Bertini; *Morua*, de Salvador Puyals Sabaté; *Rosas e Retratos*, de Sarah Villela de Figueiredoá; *Retrato da Senhora Coronel C. A. Secco e Miscelanea* — de Yvonne d'Angelo Visconti Cavalleiro; *Repouso*, de Ado Malagoli; *Sala da Portaria* (Convento Sto. Antonio), de Armando Pacheco; *Lagoinha*, de Gastão Formenti; *O tocador de violão*, de Heraclito Ribeiro dos Santos; *Maternidade*, de Hernani de Irajá; *Pastoral*, de Jurandyr Paes Leme; *Praieiros da Amazonia*, de João José Rescala; *A Construção*, de E. P. Sigaud; *Senhorita Leda Braga e Senhora Mary Anderson* de Diana Bárberi Nisticó; *Flores*, de Rubem Cassa; as gravuras: *Na selva e Minha Prima* — de Benedito de Araujo Ribeiro; *Auto-retrato*, de Rubem Alves da Silva; a escultura: *Busto de preta*, de Jorge Barbosa Campos; os desenhos: *Claro-escuro*, de Rachmyl Mendel Griner e *General Vargas e Presidente Vargas*, de Samuel Martins Ribeiro; as composições de arte aplicada: *Piedade* (baixo relevo), de O. Giffoni e *Cobra*, de Vera Wiltgen; *Mbola e Tuchaua* — de Hilda Helena Elsenlohr Campofiorito.

A essa tríptica enumeração devem ter naturalmente escapado alguns trabalhos que deviam figurar senão na primeira entre as duas últimas categorias enumeradas, pois relendo o Catálogo verificamos haver entre os expositores nomes queridos e consagrados da arte nacional, os quais deviam ter



Em qualquer lingua esta phrase, referindo-se ao cabelo, significa uma condemnação á calvicie. Entretanto algumas gotas de TRICÓFERO DE BARRY, applicadas diariamente, teriam evitado o desastre.

Não deixe que seja *demasiado tarde* para o seu cabelo. Se tem caspas, se toda a vez que se penteia, o pente fica cheio de cabellos, adquira immediatamente um vidro de TRICÓFERO e friccione com elle, o cabelo, todas as manhãs. A caspa desapparecerá e o cabelo tornar-se-á forte e abundante.



não somente dá brilho e belleza ao cabelo, como torna o penteado facil. O seu perfume é distincto e agradável.

PEBECO PASTA DENTIFRICA

Apenas na bocca, PEBECO principia a fazer effeito, removendo os germens morbificos.



Caixa Postal 1912, RIO DE JANEIRO

exposto composições dignas de ser citadas. Mas infelizmente se as olhâmos não as vimos daí a involuntária omissão. Como quer que seja, o que enumerámos representa o melhor para a nossa sensibilidade de mero cronista de impressões e não de crítico de arte no rigoroso sentido que damos a essa expressão.

A estes cabe corrigir e substituir a nossa classificação. Quanto ao Público — que afinal é o maior dos criticos — creio estará conosco...

A TEMPORADA LÍRICA NACIONAL. — BALADOS. — Em a

(Continua na pág. 59)

Um nome que se afirma

INDISCUTIVELMENTE, o caráter do homem moderno tem sofrido uma grande modificação, motivada pela evolução do mundo nestes últimos tempos. Embora tal metamorfose seja imposta pelas necessidades da própria sociedade, surgindo de quando em quando vultos que dignificam a história dos povos cultos, essa mesma comoção social tem servido ao triunfo dos néscios ou protegidos.

E' que, o "premio ao mérito" nem sempre recai naqueles que o merecem. Por vezes, êsses espíritos dinâmicos, operosos e inteligentes, cedem o passo aos medíocres, sobrando no turbilhão das massas populares.

Vivemos, com efeito, uma época de renovação em todos os setores das atividades humanas. A época que estamos atravessando é, sem dúvida, a época da velocidade e aqueles que não são apontados como elementos úteis e, conseqüentemente, capazes, perdem a oportunidade, ficam no esquecimento e deixam de figurar no rol dos nomes célebres.

Quantas capacidades, quantos gênios, quantos talentos existem espalhados no nosso meio e que seriam grandes homens se uma oportunidade surgisse no seu caminho!

Nestas colunas, focalizaremos, hoje, com satisfação, o nome de Clovis de Almeida, estimado ci-



Dr. Clovis de Almeida.

urgião do Hospital Miguel Couto e grande entusiasta das questões relativas á ciência médica. Moço, trazendo nalma o idealismo quente dos nordestinos, é uma dessas inteligências, um dêsses espíritos sempre sedentos de ação. Publicista e orador por todos apreciado, vem desenvolvendo uma atividade notável, em prol da exaltação patriótica no seio da classe médica, já apresentando sugestões de ordem nacionalista através da imprensa, já fazendo conferências nas sociedades sábias e palestras radiofônicas aproveitando sempre o tema inerente ao

papel do médico e da enfermeira na guerra moderna.

O seu recente discurso de parainfo da primeira turma de Voluntárias Enfermeiras de Guerra, no Palácio Tiradentes, em 3 de outubro último, foi, sem dúvida, uma peça oratória em que o mesmo abordou com elegância, eloquência e patriotismo, a verdadeira função da enfermeira na guerra.

Quantas verdades encerradas naquele discurso brilhante!

Terminada a solenidade, vi o orador deixar a tribuna e voltar para sua residência depois de receber tantos aplausos.

Esperei a saída de todos os presentes e, observando os comentários de uns e de outros, lembrei-me dos nossos tempos escolares, quando Clovis de Almeida tinha sempre uma desculpa para chegar atrasado nas aulas, e disse comigo mesmo: "O meu antigo companheiro de banco é, realmente, uma grande inteligência e um grande coração".

Neste renôvo de energias, neste reajustamento de valores que todos desejam, é de esperar-se "êsse valor" seja aproveitado para os grandes empreendimentos a que está fadado.

F. C.

METROLINA
Para a higiene íntima da mulher
ANTISSEPTICO GINECOLOGICO
BACTERICIDA - DESODORIZANTE - ADSTRINGENTE

FON FON

Feminino

Desenhos de
J. LUIZ

DIREÇÃO DE HÉLÈNE



Mimoso vestido para os dias de sol, executado em seda estampada de vários tons alegres. Duas grandes "pines" partindo do ombro dão folga ao busto.

Vestido de seda marrom-ferrugem. Saia presa acima da cintura, feita de panos. Corpo transpassado na frente e mangas originais. Estreito babadinho plissado de crepe romano bege rosado orna o decote.





Vestido de seda preta. Saia com pregas na frente pespontadas até 20 centímetros da cintura. Corpo com duas "pinces" pespontadas. Gola de fustão engomado e "jabot" duplo do mesmo fustão bordado.

Modelo para confecção em seda estampada e seda unicolorida em tons bem combinados. Saia enviesada.

Pano embutido na frente com franzidos ou "casas de abelha".

Moderno vestido de "mousseline" de seda ou crepe romano de tom suave. Saia transpassada na frente, subindo de um lado, franzida. Corpo recortado também com franzidos originais.



Vestido de seda azul-marinho. Saia franzida na frente com estreita pala desenhando bico arredondado. Corpo igualmente franzido e mangas três-quartos. Pespointos genero correteiro guarnecem a pala do corpo e da saia.

Vestido de seda cinzento-prata. Saia "en forme". Corpo com pala recortada na frente e costas, abotoado com dois botões forrados da mesma seda.

"Deux-pièces" de seda castanho-avermelhado. Saia lisa. Blusão longo, transpassado na frente, guarnecido com estreito babadinho plissado ou fina renda creme.

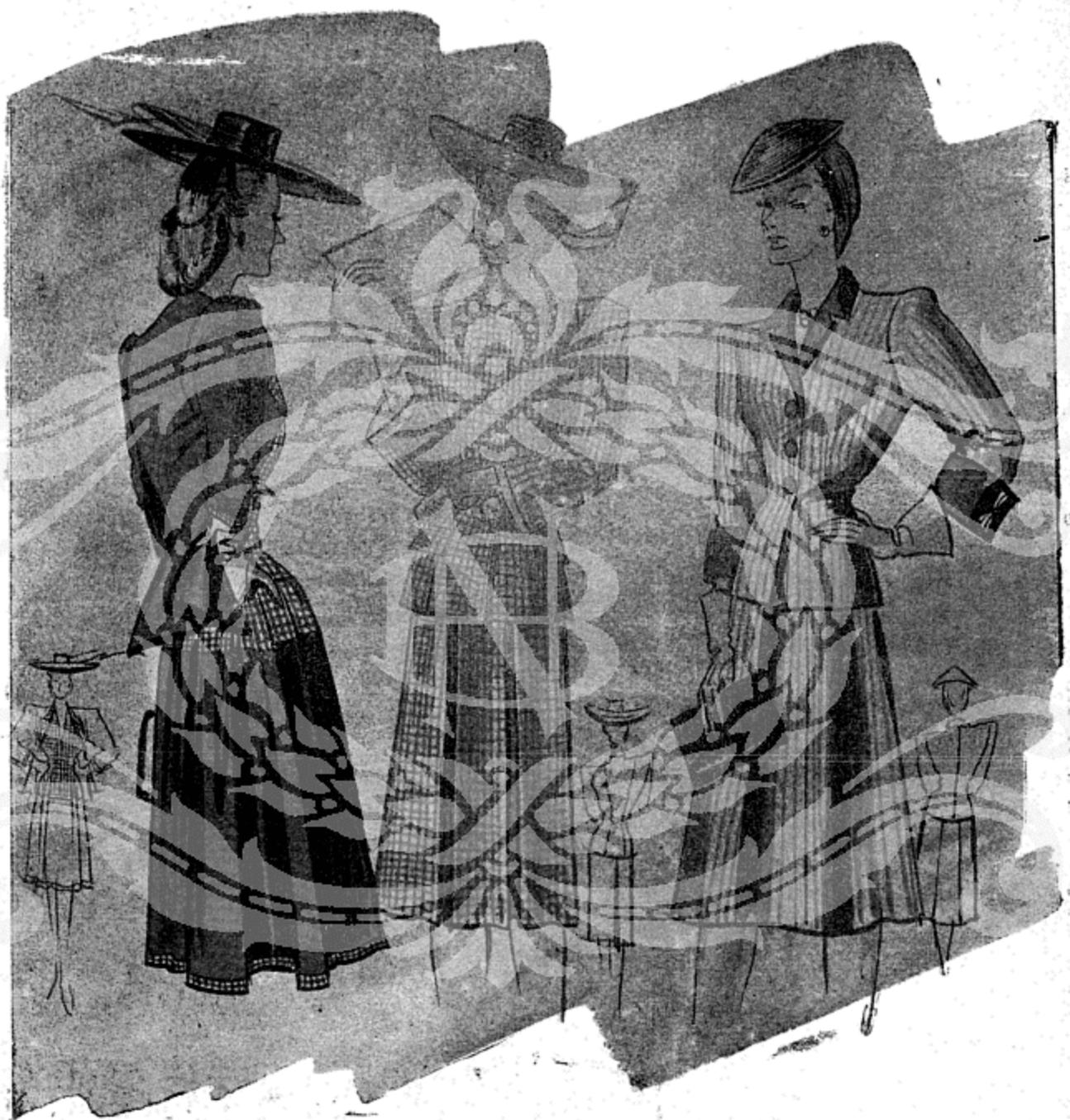


Gracioso costume para meia-estação, executado em tafetá azul-marinho e tafetá fantasia, numa interessante combinação. Jaqueta justa e saia enviezada e franzida na cintura.

Bonito vestido de tafetá quadriculado vermelho e branco. Saia feita de três babados enviezados. Barra

dos babados, mangas, gola e pala da frente do corpo com "festonné" e "pois" bordados a fio vermelho.

Vestido de seda listrada de fundo escuro, para os dias sombrios. Larga pala no sentido horizontal das listras. Saia ligeiramente franzida.



Moderno "deux-pièces" de seda unicolorida e quadriculada. Corpo, parte mais alta da saia e estreita barra no tecido quadriculado. Casaco justo com as lapelas forradas do mesmo tecido quadriculado.

Costume para viagem de linho e seda quadriculado. Saia com dois machos na frente e um nas costas, dando-lhe largura. Casaco comprido com recortes na

frente e costas e grandes botões brancos. "Vivos" de fustão branco nas barras das mangas.

Costume de seda listrada guarnecido com seda lisa no tom das listras. Saia de panos mais largos na barra. Pequenino chapéu tipo chinês de grossa palha brilhante montado sobre um turbante da seda das guarnições do costume, dá originalidade ao traje.

Para as férias passadas nos campos, apresentamos nesta página três modéios cheios de graça e juventude:

O primeiro, de algodão estampado de verde-vivo sobre fundo branco, tem largo cós, saia bem franzida, grandes bolsos aplicados, mangas três-quartos com punhos, e gola esporte.

O segundo, igualmente estampado de vermelho sobre fundo branco tem a completa-gracioso casaco de tecido vermelho com pespontos marcando pestanas em todo o contorno, nos bolsos e punhos.

O terceiro, de algodão estampado é justo no corpo, de saia enviezada e usado com pequeno avental franzido de tecido no tom da estampa. Deste último tecido são os "rouloutés" da gola e mangas e o laço tipo "Katucha".





Costume de linho fino, rosa pastel. Saia franzida com pala na cintura. Casaco ajustado por "pines" na frente. Mangas, pala gola e barra da saia bordadas a fio brilhante azul-marinho.

Vestido de algodão estampado de largo cós e saia franzida. Gola esporte.

Modélo para execução em tecido leve, estampado, de fundo azul-hortensia. Pala redonda e grande bolso aplicado na saia, contornados com "vivos" de tecido branco. Pequenos laços guarnecem a frente e o bolso.

Damos nesta página três práticos modelos para estudantes ou funcionárias:

— Saia enviezada de seda negra, meio brilhante, com pequena blusa de crepe romano rosa-seco ou azul-claro. Pala desenhando bico nas costas e reta na frente, prende ligeiro franzido que dá folga ao busto. Gracioso "jabot" do mesmo tecido.



— Saia de seda vermelho-escuro, de côs alto, aberto na frente, e blusa de seda estampada vermelho e branco com pequeno bolso aplicado. Um laço do tecido da blusa fecha a saia na frente.

— Saia de seda verde-musgo enviezada e franzida, com côs alto e blusinha de seda natural branca de peitinho trabalhado em finas preguinhas. Botões de madreperola.

Faça Bolos usando Composto «A Patrôa»



— E ESTA PARTE LHE SAZRA
GRATIS!

Agora a Sra. pode ter certeza de que os bolos ficarão sempre crescidos, fôfos e macios! Basta usar o Composto «A Patrôa» que já vem batido duas vezes e por isso torna fácil o trabalho de bater bolos que terão uma aparência mais vistosa e uma textura sempre uniforme e macia. E por não conter umidade, o Composto «A Patrôa» é também 25% mais econômico! Experimente-o também para fazer frituras mais secas, saudáveis e facilmente digeríveis.



COMPOSTO

A Patrôa

É UM PRODUTO SWIFT



BOLOS FÔFOS LEVES!

A massa fica uniforme, mais delicada!



É MAIS FÁCIL DE BATER, porque já vem batido duas vezes!

CULINARIA DE BOM GOSTO

PAVÉ DE CHOCOLATE. — Ingredientes. cinco tabletes de chocolate, três ovos, duzentas gramas de manteiga e dezesseis palitos franceses. Derreta o chocolate com três colheres de água, misture a manteiga, os ovos, ficando assim a massa lisa. Deixe que esfrie. Parta em dois pedaços os palitos franceses. Quatro deles são arrumados em um prato de vidro e cobertos com uma camada de chocolate. É assim superpostos e atravessados, mais quatro, continuando até o fim. Com uma faca, alise as bordas do «Pavé». Desenhe, com o auxílio de um garfo, uns riscos na parte superior. Leve à geladeira, e conserve-o ali até o momento de servi-lo.

BONBONS. — Derreta em banho-maria um pacote de «tablettes» de bom chocolate-baunilha, com manteiga de cacau, deixando ao fogo brando até que fique como uma pasta grossa, sem adicionar água. Mergulhe nessa pasta, bolas de «Fondant», retirando-os logo com um garfo, e arrumando-as em um taboleiro de folha forrado de papel vegetal. Sobre cada «bonbon» coloque a metade de uma noz, e leve à geladeira para que endureça.

FONDANT. — O objectivo visado, ao fazer o «fondant», é produzir uma bala macia e cremosa, na qual os cristais de açúcar são de tamanho mínimo. Consegue-se isto pelo uso de uma certa porção de glicose, ou então de um ácido pelo qual parte do açúcar de cana é transformado em glicose sendo, portanto, um alimento muito recomendado pela sua pronta assimilação pelo organismo.

«Receita»: — Ponha 2 xícaras de açúcar, 1 xícara mais cheia de água, e 4 colheres de caldo de laranja, em uma panela e deixe que ferva em fogo muito brando. Logo que esteja o açúcar completamente dissolvido, não mexa mais. Quando notar que a calda está juntando, faça a prova do «ponto», isto é, se se obtém uma bala mole, ao pingar em um pires com água fria. Retire então do fogo, deixe que esfrie até ficar à temperatura da mão e, com uma colher de madeira mexa até endurecer a massa. Tome então nas mãos e amasse, para que fique macia e lisa, dando-lhe a forma de bolinhas que serão mergulhadas no chocolate quente.

HORS D'OEUVRES. — Como aperitivo, use a seguinte receita: Descasque 6 tomates grandes, mergulhando-os antes em água fervendo por alguns segundos; corte-os em fatias finas e arrume-os em uma travessa cobrindo-os com azeitonas bem picadas, e sardinhas de lata.

«SOUFFLÉ ROYAL». — Depois de bem cozidas e desmanchadas 12 batatas inglesas, passe-as pelo aparelho de «soufflé». Misture-lhe 5 colheres de manteiga, 1 copo de leite e 2 claras em neve. Divida o «soufflé» em 4 partes. A primeira, misture 1 xícara pequena de creme de leite. A segunda, adicione 3 colheres grandes de suco de tomate, e a terceira, junte 2 xícaras de espinafre cozido e desmanchado com manteiga; a quarta, deite 2 gemas, levando por alguns minutos ao fogo afim de cozinhá-las. Disponha na travessa, de maneira que as diferentes cores formem um desenho em zig-zag.

Toda família gosta...



A FILHA



O PAPA!



OS FILHINHOS

QUE alimento de valor extraordinário! Não há, em nossa família, quem não tire proveito dos nutritivos elementos da deliciosa Quaker Oats. Alimento puro e integral, é de gosto agradável, econômico e de fácil preparo. Compre, ainda hoje, Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata



MOLDES DE "FON-FON"

Queira remeter-me, com brevidade, o molde do figurino n.º publicado no FON-FON de de acordo com as seguintes medidas:

Comprimento do decote da cintura
 dos quadris da barra
 Circunferências: do busto da cintura
 dos quadris
 Medidas do ombro da manga
 do punho das costas
 Junto a importância de (em selos de 200 réis do correio, ou em dinheiro) em carta com valor declarado.

NOME

RUA N.º

CIDADE ESTADO

Juntar a importância de três mil réis (3\$000) em dinheiro ou em selos de 200 réis, para entrega a domicílio, sob registro.

Quando entregue em nossa redação — o preço será de dois mil e quinhentos réis (2\$500).

Toda correspondência deverá ser dirigida para o seguinte endereço:
 RUA DA ASSEMBLÉIA, 62-1.º ANDAR — RIO DE JANEIRO — CAPITAL

SUPER CERA
GOSCH
 PARA SOALHOS

USANDO-A UMA VEZ POR MES
 TERA' O SOALHO
 SEMPRE BRILHANTE

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

noite de venerdì, 6.º.-f., 16 de outubro, realizou-se no T. Municipal, como 8.ª récita da Lírica Nacional, mais um espetáculo de baillados, com o concurso da Orquestra, Corpo de Baile e Corpo daquele Teatro, sendo executado este programa: I) *Garças*, baillado em 3 partes e 2 cenas; música de José Siqueira; direção e coreografia de Maria Olenewa; côro interno, dirigido por Santiago Guerra — regido pelo autor e dançado pelo Corpo de Baile, sendo primeiras figuras — Madeleine Rosay como *Garça Branca Perdida*, a *Rainha das Garças*, digamo-lo assim, e *Yuco Lindberg*, como *Passaro de Luz*; e solistas: Leda Yuqui, das *Garças Azues*; Lorna Kay, das *Garças Pardas*; Gertrudes Wolff, das *Garças Roseas*; II) 1. — *Grande Baillado da op. CARMEN*; m. de Bizet; c. de M. Olenewa; regencia de Henrique Spedini; intérpretes: o Corpo de Baile com as solistas Gertrudes Wolff e Lorna Kay, e as bailarinas — Leda Yuqui em *Dansa Boemia*, Lorna Kay em *Florista*, Luiza Carbonell em *Dansa Tipica Espanhola*; 2. — *Intermezzo da op. pela Orquestra*; 3. — *O Espetro da Rosa*, poema coreográfico de Teófilo Gauthier; m. de Weber; c. de M. Olenewa; dançado por Madeleine Rosay (A moça) e Yuco Lindberg (A Rosa); III) *Grande Baillado da op. THAIS*; m. de Massenet, direção e coreografia de M. Olenewa; regencia de H. Spedini; intérpretes: o Corpo de Baile, sendo solistas Gertrudes Wolff e Leda Yuqui e Tamara Capeller (Cupido), e os 108 bailarinos Yuco Lindberg e Madeleine Rosay; cantoras internas (*Charmeuse*) os sopranos Ghita Taghi e Djanira de Barros.

Os grandes baillados das operas de Bizet e de Massenet e o de Weber — todos muito conhecidos — foram ambos executados com a habitual correção dos baillados educados na Escola de Maria ria Olenewa. Além da *Pequena Pavlova*, a grande pequena artista que é Madeleine Rosay e que nos pareceu ainda maior voltando aerea e musical no baillado de Weber, vivendo todo o sonho romântico da Moça a correr alucinada atrás do perfume que se lhe evola da Rosa a adornar-lhe o collo, é de justiça assinalar ainda a arte comunicativa de Leda Yuqui e Tamara Capeller, esta última quasi uma criança.

A novidade do sarão foi o baillado de José Siqueira. Daí ser o que mais preocupou a nossa e a atenção do público.

Embora nem todos os cenários estivessem de acordo com o argumento do baillado, o certo é que foi este merecedor dos multiplos e fervorosos aplausos com que o brindaram através da linda e quase perfeita interpretação.

(Continua na pág. 22)



A VENDEDORA de BILHETES de LOTERIA

Aquela mulher, de olhos tristonhos,
que vende bilhetes de loteria,
faia em riqueza, promete sonhos,
com a "sorte grande", que tem na mão...
E assim (contraste feito ironia!)
numa indigência, que mal encobre,
jala em riqueza, quem é tão pobre!
Promete ouro, quem não tem pão!

De rua em rua, na amarga luta,
com o olhar sumido, que o pranto molha,
e a voz tão baixa, como uma prece...
Passa um banqueiro, que não a olha...
Passa um soldado, que a não escuta...
Passa um poeta, que ela entristece...

Se a chuva cai, não lhe importa a roupa,
que até se lava com a chuva forte...
Só os bilhetes é que ela poupa...
Nem a doença lhe dá cuidados,
pois a pobreza não teme a morte.

A noite chega... E ela, vencida,
do ingrato ofício, na luta em vão,
retorna à casa, desiludida,
depois de haver, por um dia inteiro,
vendido aos outros tanta ilusão!...

Raul Machado



A vida preciosa

de seu filho pode ser ameaçada por uma perigosa diarreia. Contra este terrível mal existem como remédio sem igual os comprimidos de Eldoformio, um producto de casa «Bayer».

Combata as diarreias com os comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.

LEIAM os romances de "FON-FON", que se encontram á venda na Companhia Editora "Fon-Fon" e "Seleta", á rua da Assembléa, 62.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

Idealização da vida alada, a vida das elegantes pernaltas que habitam os lagos e rios da Amazonia, as lindas garças — brancas, pardas, azues e róseas — segundo um idílio imaginado entre aves, o poema lírico-coreográfico de José Siqueira canta simultaneamente a grandeza selvagem da terra brasileira através da floresta e dos lagos da Amazonia, e a delicadeza afetiva da alma brasileira através dos amores alados da *Garça Branca* e do *Passaro Azul*.

Tripartito o bailado em *dansa das imagens*, *dansa da garça perdida* e *dansa dos símbolos*, foi a segunda o apogeu do sarão. Madeleine Rosay, a *Garça Perdida*, dansou-o não só com a leveza incomparável dos passos e dos gestos e a harmonia integral entre a dança e a musica mas ainda com acentuada sensibilidade comunicativa. Se tinha o corpo de garça parecia ter a alma de pomba. As garças, ao contrario das pombas se têm beleza física, carecem de beleza moral. A Pequena Pavovia fundiu as duas belezas, vivendo a *Garça Perdida*.

Mas destacando a intérprete das intérpretes, não esqueçamos de assinalar a interpretação muito apreciável e apreciada que deu ao bailado *Garças* todo o Corpo de Bailé e especialmente a das solistas — Leda Yuqui, Gertrudes Wolff, Lorna Kay e a do parçario de Madeleine Rosay, o que foi *Passaro Azul* — Yuco Lindberg.

O público saudou com espontaneidade e fervor todos os intérpretes, distinguindo naturalmente a grande intérprete da *Garça Perdida* e chamando a cena e ovacionando-o abundantemente — a José Siqueira.

OSCAR D'ÁLVA

DESCOBERTA DO HOMEM

Stanley Casson — Trad. de Adda Coaracy — EPASA (Editora Pan Americana S. A. — Fundação Lindolfo Collor) — Rio.

SOB este título, Casson, professor da Universidade de Orford, reuniu uma série de captulos fascinantes — "o romance de duas ciências", a história da formação e desenvolvimento da Arqueologia e Antropologia. Nas páginas deste livro são narrados, em linguagem sedutora, acessível aos leigos, os episódios sucessivos, os trabalhos de investigadores corajosos e pacientes, que conduziram á descoberta do homem e ao conhecimento das civilizações mortas que floresceram, em idades remotas, nas ilhas gregas, na Asia Menor, no vale do Nilo e nas planícies da Mesopotamia.

É uma exposição lógica e encadeada das pesquisa e, ao mesmo tempo, revela-nos toda a extensão da existência do homem do sobre o planeta.

NÃO OUVES BEM POR CAUSA DO CATARRO?

EXPERIMENTE ESTE REMÉDIO

Se V. S. sofre de aturdimiento catarral ou de zumbidos nos ouvidos, ou se o catarro obstroe a parte posterior da sua garganta, certamente se alegrará ao saber que essa tão aborrecida afecção desaparece prontamente com o simples tratamento, durante alguns dias, de PARMINT, o qual poderá adquirir em qualquer farmácia ou drogaria.

Nota-se uma grande melhora logo no primeiro dia. A respiração se torna mais fácil e desaparecem, gradualmente, os zumbidos dos ouvidos, a dor decabeça, a sonolência e a obstrução nasal.

A perda do olfato e do paladar, a dificuldade de ouvir e o desprendimento do muco nasal na garganta são outros sintomas que indicam a presença de catarro, o qual deve-se combater com o tratamento de Parmint.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

E Saltará da Cama
Disposto para tudo

Seu figado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro producto. Preço: 3\$000.

Dame Française

Enseigne son idiome avec methode facile et rapide.

PREZ moderés

TELEPHONE: 26-3995

os Cigarros preferidos!



Cia. de Cigarros Souza Cruz

A arte de ser bela

LÁBIOS PINTADOS

NEM todas as mulheres usam o lapis labial como instrumento retificador de sua beleza. A maioria emprega-o para um mero toque de côr na polpa dos lábios.

Quando o lábio inferior não é muito carnudo, fica bonito dar o toque de **rouge** de maneira que pareça mais grosso. Fazer o mesmo no lábio superior só é indicado quando êle é estreito. Do contrário, convém que pareça natural.

Se a boca é grande, pintar os lábios, intensamente, em toda a sua extensão, resulta contraproducente. O

correto é pintar a parte central, e ir esfumando a intensidade do tom até as comissuras, para que não ressaltem nem tão pouco dêem a impressão de ter sido pintados.

Quando, porém, caem os lábios um pouco nas comissuras, dando ao rosto certa expressão de dor, é preciso procurar apagar ou, pelo menos, disfarçar essa expressão, acentuando a côr nos ângulos. Notadamente, nos lábios inferiores.

Para os lábios irônicos, cujo sulco sôbe nas comissuras o processo a seguir é o inverso, ou seja procurar-se acentuar as comissuras do lábio superior.



Só o pincel pôde substituir o dedo mindinho na aplicação do rouge sôbre os lábios. Mas é necessário usar, então, rouge líquido, em lugar dos lapis comuns, como o faz Jane Frazee, da Universal Filmes.

AS morenas ficam muito bonitas com os lábios pintados de escarlata. Devem, porém, evitar **rouge** que tenha reflexos violáceos, para que a bôca não apareça pintada meio violeta e meio vermelha. Além disso, o violeta tende, invariavelmente, a tornar-se mais intenso à medida que seca.

Para a noite não devem as morenas pintar-se com um vermelho excessivamente vivo.

As louras não têm necessidade de recorrer tanto à côr. Um vermelho natural, vermelho amapola, ou vermelho mondarim para a

noite, é o que mais lhes convém. O vermelho teatral e o vermelho fogo, afinal, são indicados para as louras, nas horas da noite.

Na realidade, para maquilar-se bem, é preciso contar com dois lapis de lábios.

Nunca devem umedecer-se os lábios antes de aplicar o **rouge**. Quem o faz automaticamente espalha a pintura de forma desordenada. Também não se deve passar a língua pelos lábios logo depois de pintá-los.

Um conselho para aquelas que tenham os lábios finos: não fechem muito a bôca e procurem sorrir com os lábios em forma de o.

Não usar lapis que ponham uma capa avermelhada sôbre o esmolte da dentadura.

* * *

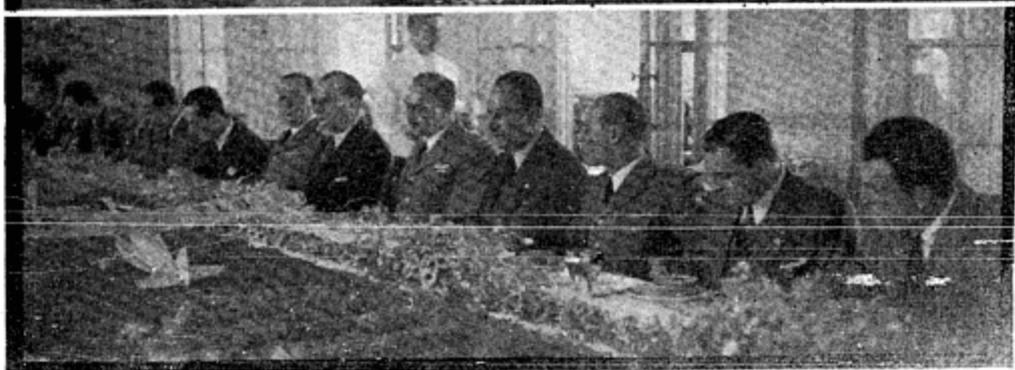


A "SEMANA da ASA" no JOCKEY CLUB



O almoço que a diretoria do Jockey Clube ofereceu, no Hipódromo da Gávea, à Força Aérea Brasileira, marcou o início da «Semana da Asa», cujas solenidades se prolongaram por toda a semana que findou e culminaram com a inauguração do monumento de Santos Dumont.

Esta página fixa alguns aspectos desse ágape de confraternização das nossas forças aéreas, vendo-se à cabeceira da mesa o dr. Salgado Filho, que é, ao mesmo tempo, o ministro da Aeronáutica e o presidente do Jockey Clube Brasileiro.



FON - FON

31 - 10 - 1942

— 25 —

VOCÊS lembram-se do que se dizia de Shirley Temple, ha oito ou nove anos, quando arrebatava todas as platéias, do mundo inteiro, na interpretação perfeita de seus papéis? Então tinha apenas quatro ou cinco anos, e tão justa era, tão perfeita nessa interpretação, que muito gente supunha impossível ter ela apenas a idade que aparentava e, então, surgiu o boato: — Shirley Temple é uma anãzinha, que se aproveita do físico, para fingir que tem apenas quatro ou cinco anos de idade... Mas Shirley aí está, agora, linda garota de catorze anos, linda e elegante por natureza. Vamos vê-la em seu primeiro filme, depois de um descanso de uns três ou quatro anos, esentimos então a diferença, pois para nós não ha a transição de criança para menina-moça. E ela se apresenta mocinha, linda e elegante. Vest-se com uma propriedade que encanta. Apresenta uma meia dúzia de vestidos, aliás todos próprios de



(Fotos M. G. M.)

FON-FON

31-10-1942

-- 26 --



sem exagero, de modo que a graça natural como que melhor se expande. Seus vestidos combinam simplicidade, encanto e originalidade. Um deles, todo branco, com a sala bufante, todo de seda, dá-lhe uma graça toda especial: um outro, simplíssimo, consta de uma sala-calça azul, com uma blusa de amarelo-sol, de efeito surpre-



endente. Apresenta-se também com um vestido á marinheira, de crépe azul, com "puffs" vermelho e branco sôbre os ombros. Para o baile, Shirley usa uma *toilette* desenhada especialmente par ela, para a sua idade, mas original a ponto de relçar ainda mais a sua gra-

"Miss" Shirley



TEMPLE

ça. É bem uma Shirley inteiramente nova, uma Shirley que aparece como dona do romance, e que nos apresenta o seu... primeiro beijo! Como está longe de ser aquela anãzinha" que que o boato criou...

(Fotos United Artists)



ESTA página, em que sobressai a figurinha de Shirley Temple, é um símbolo da organização infantil das Américas. Focalizam as crianças que aqui estampamos ilustres da oitava sessão do Congresso Pan-Americano da Criança, recentemente realizada em Washington, com a representação de todas as Repúblicas do continente. Os trabalhos desse grande certame estudantil, interessada e atentamente, o futuro das crianças deste hemisfério, fixando o problema da geração de amanhã como um problema da atualidade, está intimamente vinculado às angústias e às inquietudes da guerra que as nações totalitárias trouxeram, no desespero de conquista, até a tranquilidade da vida continental.

O Congresso Pan-Americano da Criança expõe todos os perigos que as condições inerentes ao estado de guerra oferecem à vida infantil e suas medidas de proteção altamente necessárias nesta hora grave para o destino das Américas.

A saúde, o bem-estar e a segurança das crianças americanas foram amplamente debatidos nesse

SHIRLEY Temple, na fotografia da direita, corta o bolo que ornamentou a festa oferecida pela famosa estrelinha cinematográfica, ao comemorar o seu 14.º aniversário, que coincidiu com a última reunião do Congresso Pan-Americano da Criança, às filhas dos representantes consulares das nações americanas, em Los Angeles.



morável assembléia, que recomendou o desenvolvimento da educação sanitária, a organização dos centros de saúde infantil, a instrução das mães relativamente aos cuidados que devem ter com seus filhinhos, a divulgação de matéria educacional sobre saúde e, por fim, o auxílio financeiro a famílias sem recursos.

Também não foram esquecidos outros problemas de natureza imperiosa para as necessidades infantis decorrentes da guerra e para o período que seguir-se à atual conflagração, sendo elaborados planos de serviços essenciais destinados a mães e filhinhos, durante o curso das hostilidades; de amparo a mães e seus filhos nas zonas de perigo, e, finalmente, de mobilização, em tempo de paz e de guerra, de todos os conhecimentos indispensáveis à integral proteção das crianças do nosso continente.

As crianças das Américas terão, sempre, em qualquer emergência, a vigilância dos cientistas, educadores, sacerdotes, enfermeiras e mães que, desde longos anos, se veem congregando nas reuniões do Congresso Pan-Americano da Criança.





COMO acontece com muitas meninas de sua idade na América do Norte, Shirley Temple toma a sua parte nos serviços em prol da guerra. Apesar da idade, completou seu curso de «Primeiros Socorros», especializando-se em assuntos «maternais». Costura e principalmente tricôta em benefício dos soldados, e família dos soldados pobres. Faz parte do serviço de organização «Pró China», sendo madrinha de um chinêzinho.

FON - FON

31 - 10 - 1942

— 48 —

Shirley Temple tem agora quatorze anos feitos. Se bem que verdadeira «estréla», nessa idade, com um «passado» de glórias, Shirley não se considera um fenómeno, e muito menos uma creatura anormal e, daí, ser aos quatorze anos o que é uma menina-moça dessa idade, na América do Norte. Tem o interesse pela vida que toda a gente de sua idade deve mesmo ter. Gosta de vestidos bonitos, de dansar, de festas, de desporto e de... brincar. Continua frequentando a escola, por sinal que, há bastante tempo afastado dos estúdios, mais se tem aprimorado na aquisição de novos conhecimentos, de ciências, artes e literatura. Dedicá-se principalmente ao estudo de línguas, adorando a francesa. Tem o posto de sargento na organização militar de sua escola, e faz parte do elenco de artistas de teatro escolar. Gosta muito de ler biografias, principalmente de grandes figuras yankees.

FON - FON

31 - 10 - 1942

— 49 —





ousaria dar. Pois Shirley Temple dança o... "jitterburg", dança tão esquisita que criou até para si um vocabulário especial, uma "gíria" toda própria. Nesse seu novo filme, Shirley dança o... "jitterburg"!

NO seu nove filme "Miss Annie Rooney" — em que aparece depois de uma longa espera de dois pares de anos — Shirley Temple já não é mais a menina que aplaudimos em tantas películas em que se havia tornado a maior atração de bilheteria do mundo inteiro. Shirley tem agora 14 anos, e como menina-moça dessa idade, ela se nos apresenta fazendo tudo quanto faz a gente dessa idade, e, como tal, dançando o... "jitterburg". Não sabem o que venha a ser "jitterburg"? Sabem, sim! É essa dança que é para o "swing", o que o nosso "maxixe" rodopiado é para a valsa... Isto é, cem vezes mais maluca que o "swing", e que vocês já viram, em concurso que o cinema nos tem mostrado, em que os dançarinos, negros na sua maioria, executam os passos os mais vários, mais desconcertantes, mais acrobáticos, mais... ("mais" o que?) mais doidos que a humanidade já inventou, passos que nem mesmo Terpsychore



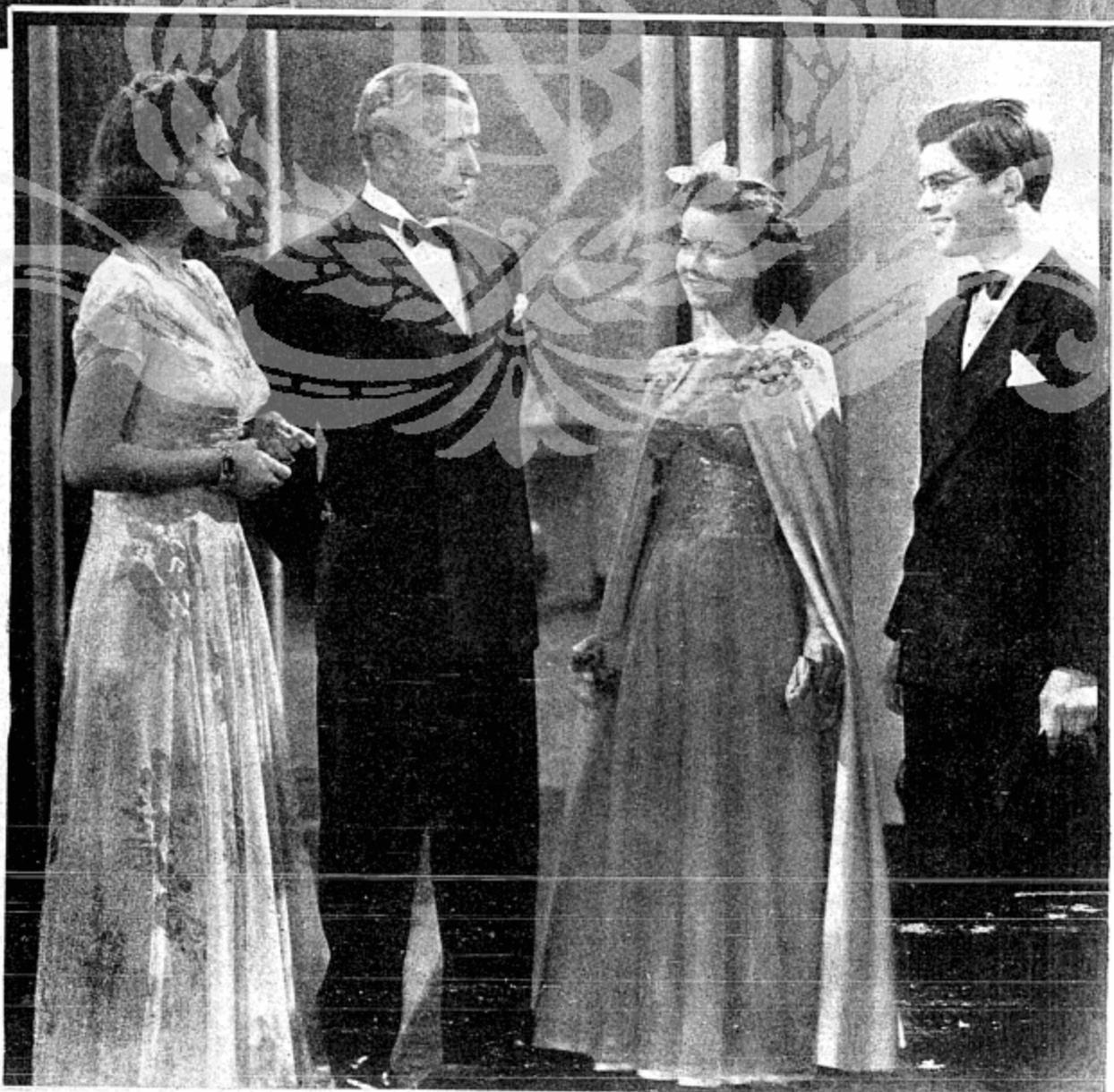
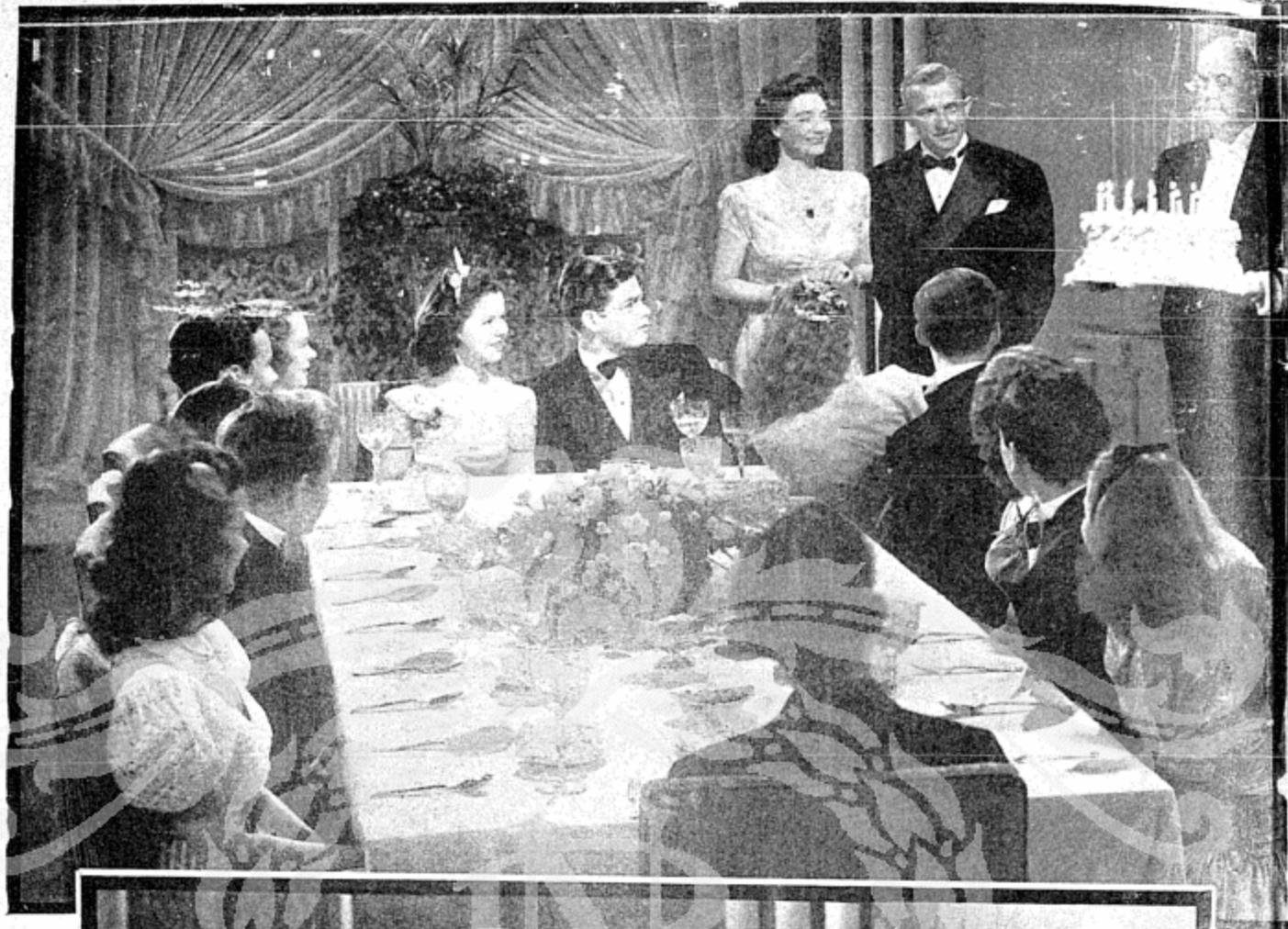
SHIRLEY TEMPLE teve sempre uma especial vocação para a dança. Dizem seus pais que, desde o momento em que se viu capaz de sentar-se sózinha, bastava ouvir o rádio para logo se agitar e balançar as perninhas. E foi seu amor pela dança que, de fato, levou Shirley ao cinema. Em virtude mesmo de sua reação ao ritmo, quando tinha apenas três anos, sua mãe achou interessante ensinar-lhe alguns passos de dança, mais por diversão que por outra cousa. Pô-la em uma escola de dança, em Los Angeles, e ali logo todos reconheceram o talento natural da criança para a dança. E já executava a pequenina alguns passos, quando aconteceu visitar um desses "buscadores de estrelas", que os produtores de filmes americanos usam para escolher seus estúdios. Pediu para fazer um "têste" com a menina, para uma série de pequenas comédias de crianças, os famosos filmes de "our gang". Não se pense que isso se decidiu assim tão facilmente, que nada menos de meia dúzia de conferências se realizaram com parentes, que discutiam as vantagens e desvantagens da carreira do cinema para a pequenina, sem saber o que poderia vir a acontecer. E o que aconteceu todo o mundo sabe. Têmiam, naturalmente, que o talento de criança se desenvolvesse apenas na idade tenra, e que depois — como tem acontecido com "todos" os outros —, não desse mais para o cinema... nem para mais nada! Mas a verdade é que, fugindo à regra geral, Shirley provou ser a "maior" artista-criança, e agora a temos em seu primeiro papel de "mocinha", dizendo a crítica, que a pequena continua a ser um asombro...

FON - FO:J

31-10-1942

— 51 —







NÃO obstante Annie Rooney (Shirley Temple) ser, como a maioria das moças contemporâneas, uma entusiasta do jitterbug, também possui uma fraqueza pela literatura. Conta com muitos amiguinhos, porém prediletos são seu pai (William Gargan) e seu avô (Guy Kibbes), ambos obstinados sonhadores. Seu avô possui uma apólice de pensão que lhe garante a subsistência e a da família; o pai é vendedor de seguros, enterrando seu rendimento num esquema de fazer borracha sintética de herva de leite.

Certa noite, quando Annie se dirige para uma festa, encontra-se com Marty White (Dickie Moore), graças a uma colisão de autos.

Marty, um granfino, filho de uma família proeminente, fica atraído pela beleza de Annie, assim como esta fica impressionada pelos conhecimentos literários do jovem. Convidado por Annie Marty vai também à festa e depois a leva a casa. E assim ela dá por terminada a amizade com Joey (Roland Dupree), que vai consolar suas mágoas cortejando Myrtle, uma das melhores amigas de Annie.

Marty, que em poucos dias completava dezesseis anos, convida Annie para sua festa de aniversário, para transtornar os prévios planos engendrados por sua mãe (Gloria Haden). O lindíssimo vestido de Annie para a festa é comprado com

o dinheiro que o avô emprestara, retirando de sua apólice, pois que o pai fora despedido naquele mesmo dia.

Annie tem uma recepção fria na festa, uma vez que ela não pertence à mesma classe social; mas, quando dirige os demais convidados numa dança de «jitterbug», caem todas as barreiras e até mesmo os pais de Marty reconhecem que ela é uma jovem encantadora.

Nesse meio tempo, na casa da família Rooney, as cousas correm bastante complicadas. O pai de Annie tomara trezentos dólares emprestados hipotecando a mobília toda para enterrá-los em seu invento da borracha, e, não tendo meios para pa-





gar, a companhia credora lhe exige ou o dinheiro ou a mobília. Desesperado, Rooney, que soubera ser o pai de Marty presidente de uma companhia de artefactos de borracha, vai á sua procura para solicitar auxilio.

Invade a casa em meio da festa, metido numa casaca cheirando a mófo, levando consigo a sua fórmula da borracha. Tôda a história explode, durante a explicação, na sala de visitas de Mr. White, e, por insistência de Annie, que está desconsolada com aquela situação, os dois abandonam a casa.

O cobrador do empréstimo volta na manhã seguinte para levar a mobília, mas, quando as cousas iam ficando mais pretas para a família Rooney, surgem Mr. White e Marty. Mr. White foi persuadido a dar um emprégo a Rooney, muito embora ainda esteja convencido de que o processo dele em produzir borracha é um fracasso.

Entretanto, Rooney recusa o emprégo. Essa tensa situação torna-se aliviada, não obstante, quando um químico que trabalhava nos laboratórios da companhia de Mr. White chega com a informação de que, a pedido de Marty, analisara a fórmula de Rooney e descobrira que a composição era «perfeita para tanques». Então Mr. White logo se decide a formar uma nova companhia para explorar a fórmula, com Rooney como chefe e um adiantamento em dinheiro de um quarto de milhão de dólares. Esta feliz situação, certamente, permite a Annie

Marty uma outra modificação afim de levarem avante o seu romance de amor e suas discussões literárias...

FON - FON
31 - 10 - 1942

- 54 -





¿Porque a mulher moderna
usa CRÈME
ODO-RO-NO?

Porque é

EFICAZ — Impede a transpiração

DURAVEL — Protege de 1 a 3 dias

SEGURO — Não irrita a pele nem estraga os vestidos

RÁPIDA — Aplica-se num instante

ECONOMICO — O pote atual contém mais creme



MOVEIS
DE FINO GOSTO
Visite os 40 Apartamentos da
BELLA AURORA
e faça uma idéia de
sua futura residencia
CATETE, 78-84

Inumeros atestados medicos comprovam que «Gysa» é o produto que deve ser o preferido pelas senhoras sensatas.

51 - 10 - 1942

LIVROS NOVOS

"SINAIS DOS TEMPOS", O ÚLTIMO LIVRO DE LINDOLFO COLOR

DEPOIS de "Europa, 1939", o livro brasileiro do sr. Lindolfo Color que foi, no conceito de um eminente crítico, "a primeira grande contribuição de um publicista sul-americano para o exame das responsabilidades morais da guerra", deu-nos o erudito escritor e jornalista, nas vésperas de seu prematuro e inesperado desaparecimento, mais uma prova do seu robusto talento de sociólogo e analista, com a apresentação de "Sinais dos Tempos", que a Editora (Editora Pan-Americana, S. A.), com grande êxito inicial, acaba de distribuir às livrarias do Brasil e das capitais sul-americanas. "Sinais dos Tempos", com efeito, é a sequência lógica do livro anterior do saudoso publicista, que discute com palpitante oportunidade os principais aspectos políticos e sociais criados com o desenrolar da guerra expondo, à luz de uma explanação nitida, o sentido moderno por que se regeneram os povos, por força do inevitável revisionismo imposto pela época, dentro dos princípios sagrados da Democracia, da Liberdade e dos Direitos do Homem. Antes de ser um livro negativista, "Sinais dos Tempos" é uma afirmação de fé e de confiança nos rumos vindouros dos povos libertos, enfim, da sanha ambiciosa dos oportunistas e opressores.

VOLTA AO MUNDO

Sigrid Undset — Editora Pan Americana S. A. — (Fundação Lindolfo Collor) — Rio.

É o panorama trágico da hecatombe que avassala o mundo o que Sigrid Undset nos dá nas páginas de *Volta ao Mundo*.

São cenas de um campo de batalha. Bater de artilharia pesada removendo obstáculos... Cargas de infantaria num avanço rápido e recuo doloroso... Rajadas de metralhadora ceifando vidas ontem sorridentes para a existência... Pássaros metálicos que se precipitam em chammas contra a terra mater, em busca de descanso eterno... Tudo a escritora nórdica nos narra circunstanciadamente, como quem tomou parte na reação passiva contra o invasor brutal, até que, cessada a resistência, foi forçada a abandonar a pátria e fugir.

São páginas de um realismo profundo, fotografias da guerra serenamente reveladas, da luta cuja brutalidade e humanidade tenta evitar espavorida e que os acontecimentos precipitam.

FON - FON



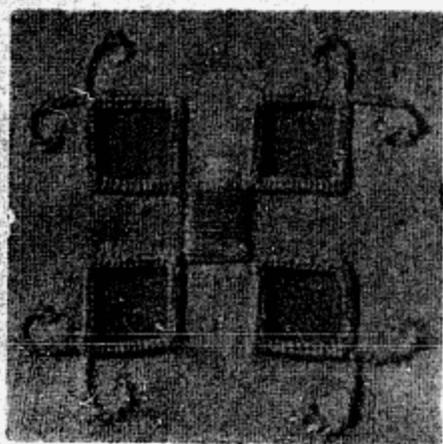
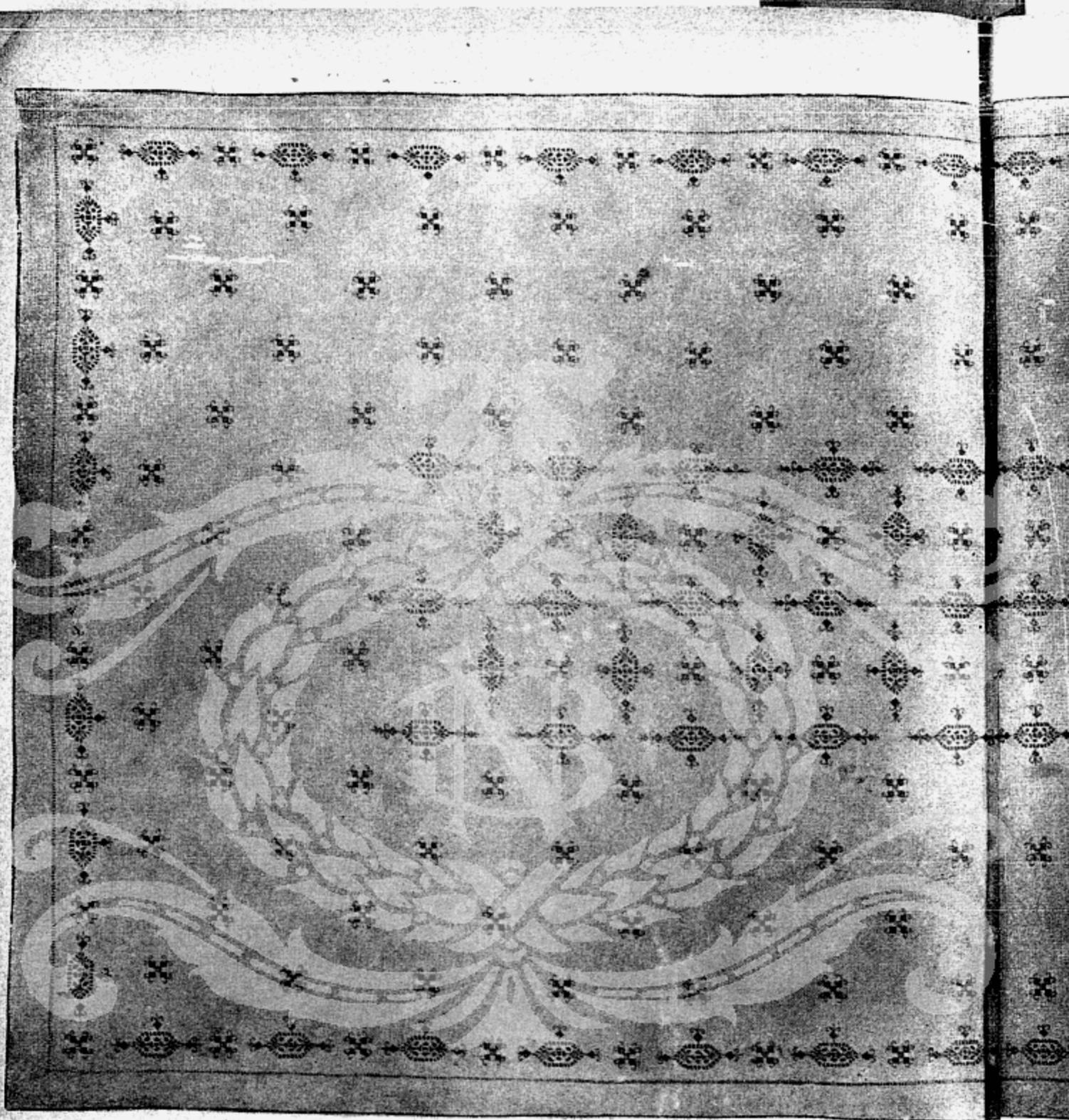
PORQUE A SRA. DEVE
USAR O ESMALTE
PEGGY SAGE

As Mulheres mais elegantes do mundo e os luxuosos salões de beleza que tratam das unhas das senhoras formosas — todos usam o esmalte Peggy Sage porque êle lhes dá maior proteção e apresenta uma grande variedade de cores modernas.

CEREJA
VINTAGE
INCARNAT
SCARLET
VERMELHÃO
HACIENDA
TULIPA
CEREJA NEGRA
CLARET
TANYPORT



Peggy Sage



TOALHA PARA JANTAR

ESTANDO atualmente tão em moda as toalhas bordadas para jantar, fornecemos, hoje, um modelo que servirá para jantar e para chá, devendo a leitora fazer, neste caso, os guardanapos necessários para os dois fins.

Esta toalha, inteiramente trabalhada em bordado inglês, deve ser feita em linho creme claro, com os bordados em castanho

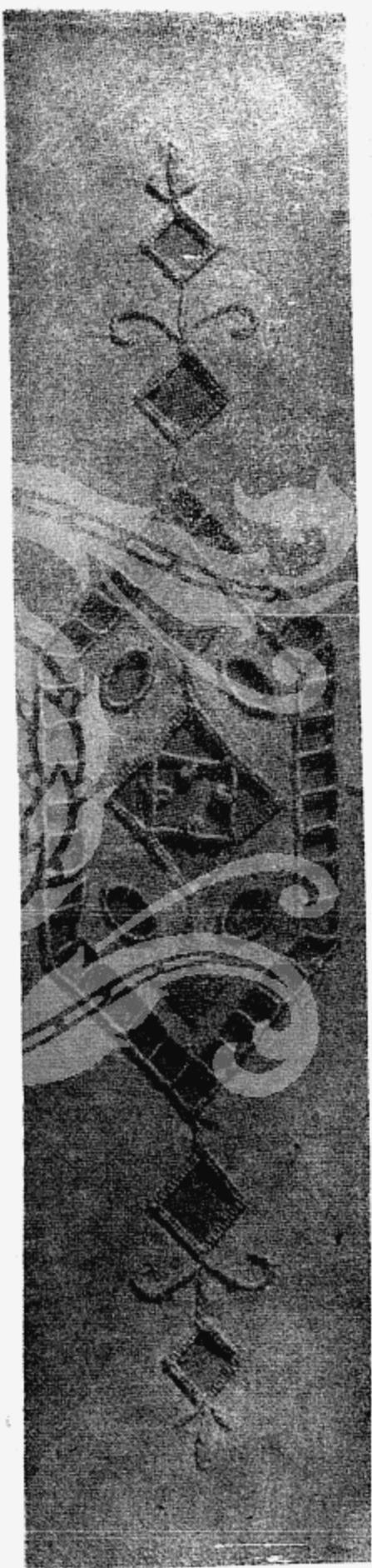
escuro,
branco
Co
verific
organiz

adas para
para jantar
ardanapos

glês, deve
castanho

escuro, em linho branco bordado a azul-rei, ou simplesmente em
branco perla com os bordados em branco anilado.

Conforme as gravuras que publicamos ao lado, poderá a leitora
verificar a simplicidade do trabalho, bem como a facilidade para
organização do risco.





**CASPA!
CABELOS
BRANCOS!**

use
LOÇÃO XAMBÚ

**CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS
VOLTAM A SUA CÔR NATURAL
ELIMINA A CASPA ÉXITO GARANTIDO**



Informações e pedidos: R. Souza Dantas, 23 — Rio.

TERRA NATAL

De VICENTE JUSSELINO

*Velho rio, verdes campos, verdes matas,
noites claras, violões dos cancioneiros,
trovas languês, melodias, serenatas,
jasmíneos, jasmíneos, jasmíneos.*

*Luar ebúrneo, melopéias e volatas,
casas brancas, ponte amiga, cajueiros...
Sons de sinos e marulhos de cascatas,
violeiros, violeiros, violeiros.*

*Garças níveas e ligeiras e formosas,
revoando, voltitando, parecendo
nebulosas, nebulosas, nebulosas...*

*Tardes quietas e norenas nas herdades...
Vou lembrando, vou chorando, vou morrendo
de saudades, de saudades, de saudades.*

O INDIO CIARÁ

*Yoyó escanchado nas pernas
da mãe-preta matracava*

*paracatú, paracatú
vou pra serra do Marú
comer carne com angú*

*e se acaso parava a carretilha
olhando a cabinda pedia
que lhe contasse uma historia*

*e a preta respondia:
— é yoyó, eu não me atembro de nada,
a gente vai ficando velha
e vai ficando leza*

*mas sinhósinho pedia
de novo e escorria,
pelo rosto crivado de bezigas da mucama,
o fio de prata de uma historia:*

*yoyó, o índio Ciará
pipecou o céu de flexas
e o céu ficou com mil olhos rasos d'agua
e a noite ficou cheia de estrélas*

(uma flexa cravou-se na lua e nasceu o luar...)

*O índio Ciará dansando o maracatú
rasgou o sol com a última flexa
e a terra ficou toda sapecada de fogo*

*e o índio Ciará fugiu para a Amazonia
com o cocar de penas de papagaio
tingidas de sol.*

HEITOR MARÇAL



GRUPOS ESTOFADOS-CORTINAS
• TAPETES - MOVEIS - DECORAÇÕES •

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

AGORA SOMENTE - 65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO DE JANEIRO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATE'

ÀS 17 1/2 HORAS

ALFANDEGA, 50

Combinação de seda rosa pastel, enviezada, ornada com ponto Paris e ligeiro bordado a fio de seda no mesmo tom.

Camisola de crepe romano azul-claro com embutido na cintura de crepe romano branco bordado a fio azul-claro. Decote contornado de vicez duplo de crepe romano branco também bordado.

Camisola de crepe "lingerie" rosa-antigo. No corpo ilhoses bordados a fio no mesmo tom.



Vestidinho para menina de 5 a 8 anos, feito em tecido de algodão branco com "rivos" vermelhos no corpo, mangas e barra da saia. Motivo bordado no um lado com linha vermelha.

Vestidinho para menina de 2 a 4 anos. Saia enviesada. Guarnição do corpo e contorno dos bolsos de organdi branco macheado.



confeccões
para
crianças

R. OUVIDOR, 141
TEL. 42-7300



Vestido para menina de 3 a 6 anos, feito em voile estampado com embutidos de organdi branco festonnados no tom da estamperia marcando boléro e guarnecendo a barra da saia.

PRM

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR

Minha opinião

RÁDIO ESPORTIVO

O setor esportivo do Rádio tomou novos rumos, nestes últimos tempos. Deixou de ser mera fonte de sensacionalismo barato. Os aficionados exigentes, especialmente os veteranos, daquela fase ante-profissionalista, são os primeiros a reconhecer que sopram ventos renovadores nos arraiais do Rádio esportivo... E já não era sem tempo, convenhamos. Haja vista o esforço louvável da Rádio Mayrink Veiga, desde a estréia de Oduvaldo Cozzi ao «microfone dos astros». Sucedendo a um dos mais notáveis locutores de esportes do Brasil — esse convincente Gagliano Neto, hoje na PRE-8 — Cozzi entregou-se de corpo e alma ao departamento esportivo. Contando com auxiliares excelentes, o «speaker» de classe da PRA-9 corresponde inteiramente à cultura dos fans de mentalidade esportiva esclarecida. E o serviço apresentado pela Mayrink Veiga é, sem favor, uma contribuição honrosa para a elevação do nível desportivo do país.

A BEM DA VERDADE

DECLARO, para os devidos fins, que não fui eu quem ofertou ao sr. Anibal Costa o título de «o maior escritor policial da América do Sul». Ainda a bem da verdade, declaro que não conheço todos os escritores policiais do Brasil. Muito menos os das outras nações sul-americanas. Portanto...

DO PÓSTO DE OBSERVAÇÃO

SIM. Não é negócio atingir a altura máxima. Tudo, na vida, tem seu esplendor e seu declínio. Sirva isso de advertência amiga aos alpinistas do eter...

A. Z.

ONDAS CURTAS E LONGAS DE SCYLLA GUSMÃO

1 — O «Teatro pelos Ares» lavrou mais um tento, com a apresentação da peça «Homens sem Deus», que Armando Louzada escreveu especialmente para a PRA-9, focalizando a Alemanha de Hitler, desde 1933. Trabalho de palpitante atualidade, «Homens sem Deus» agradou em cheio.

2 — A novidade do notável Lauro Borges, para o Rádio Clube do Brasil, é o programa «PRK-20». A «emissora» das boas bolas é apresentada às sextas-feiras, às 19 e 30, com a colaboração de Vasco Ferreira, ou seja — Castro Barbosa...

3 — Um dos indiscutíveis sucessos da Nacional é a «Hora do Pato», que Héber de Bôscoli organiza com muita habilidade, fugindo às chapas entediadas de alguns cartazes similares. *Variedade* é ainda o «it» dos programas de cunho acentuadamente popular...

4 — E' cem por cento eficiente a atividade exercida por Dermal Costalima na Rádio Tupi. Redator de méritos marcantes, Dermal sabe tornar agradável

vel ao público todo e qualquer «broadcast» que apresente. E' de gente assim que precisam os programas do Rádio...

5 — Fala-se no próximo casamento de Arnaldo Amaral com uma das figuras de escólo do setor feminino da PRA-3. Aguardaremos confirmação da agradável notícia.

6 — Um voto de louvor para Zezé Fonseca! Vivendo a figura antipática de «Nicota», na rádio-novela de Oduvaldo Viana — «Fatalidade», a consagrada radiatriz tem estado inexcelsível...

7 — Depois do sucesso de «Os Três Mosqueteiros», a Rádio Mayrink Veiga iniciará — dentro de poucos dias — a rádio-novela «Ben-Hur», que Berliet Junior está escrevendo, baseado na obra de Lewis Wallace.

8 — Nilza Magrassi está colaborando com João de Freitas no cartaz vespertino «Caravana de Rítmos», do Rádio Clube do Brasil.

9 — Ciro Monteiro e Odete Amaral — o casal mais feliz do Rádio — novamente no Rio! Foi

uma «tournée» de merecido sucesso a que os dois queridos artistas mayrinkianos realizaram ao Norte do país.

10 — São sempre muito animados os rádio-balles da Educadora, transmitidos pelo «speaker» Atila Nunes. O festejado locutor, que fundou o «Teatro de Amadores» da PRB-7, é um dos estelos da popularidade da emissora dos Sá Freire.

11 — O veterano escritor e jornalista Albertus de Carvalho já apresentou, ao microfone da PRA-9, as peças «Duas Faces da Vida», «Divina Mentira» e «Ontem e Hoje». E foi incumbido de radiofonizar a célebre obra de Blasco Ibañez — «Sangue e Areia», para o «Teatro pelos Ares». Essa radiofonização já foi feita, em 3 empolgantes atos, pelo vitorioso radiador.

12 — «Samba e Outras Coisas», que Henrique Batista continua apresentando na Cruzeiro do Sul, todos os domingos, iniciou louvável campanha pela «renovação de valores». Se todos os «broadcasters» pensassem assim, o Rádio brasileiro seria, sem dúvida, uma verdadeira maravilha...

"Enciclopédia Popular Pranove"

(PROGRAMA DIÁRIO DA RADIO MAYRINK VEIGA)

"GATINHOS"

P. — Por favor, Pafúncio, não brinca!... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está no imperativo "não brinca", que não existe... No caso (tratamento você) o correto é dizer: "não brinque";.

P. — Entre eu e tu não há segredos? Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está no "entre eu e tu". O certo é: "entre mim e ti"...

P. — Vendi o meu carro quando furei os pneumáticos... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está na palavra "pneumáticos"; não há nenhum "e" depois do "p", embora muitos o enxertem, arbitrariamente... O correto é dizer: "pneumáticos"...

P. — Oh! que doce entretenimento... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está no "entertainment", que não existe... O verbo não é "entertar" e sim "entretreter". O substantivo é "entretimento"...

P. — O leilão será realizado pelo o Blondini... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está no absurdo "pelo o"... "Pelo" é contração da preposição "per" com o artigo "o". Portanto, basta dizer "pelo Blondini"...

P. — Traga-me pão com mortandela... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está na "mortandela", que não existe... O que existe é "mortadela", sem "n" depois do primeiro "a"...

P. — Acabará como inútil esmolér, de casa em casa... Onde é que está o "gatinho"?

R. — O "gatinho" está no emprego impróprio da palavra "esmolér". Muita gente supõe que "esmolér" é o mendigo, o homem que pede esmolas. Mas, ao contrário, "esmolér" é a pessoa que dá esmolas, que faz caridade...

"SINUCAS"

P. — Que vem a ser "russiana"?

R. — Jogo de bilhar com 5 bolas...

P. — Qual é a tradução do nome Strauss?

R. — "Strauss" quer dizer, ao pé da letra, "avestruz". É verdade que os avestruzes não voam; mas esses "Straus" da música, tão ilustres na história romântica da valsa, voaram, e voaram muito alto...

P. — Há alguma ópera intitulada "Cavalaria Rusticana"?

R. — Absolutamente, não! Existe, sim — "Cavalleria Rusticana", de Mascagni... A tradução, em nossa língua, seria "Cavalaria Rústica" ou "Galanteria Rústica"... Mas "Cavalaria" é que nunca...

P. — Qual é o nome científico da "campainha" da garganta?

R. — Úvula...

P. — Quais são os alimentos protetores-essenciais?

R. — O leite, o ovo, os legumes e as frutas são ainda os grandes defensores da saúde, supremo bem da vida...

P. — É muito nutritiva a habitual refeição composta de feijão, arroz e farinha?

R. — Pouco nutritiva... O prato de feijão, arroz e farinha é deficiente, pois não contém proteínas animais, indispensáveis ao organismo...

P. — De que país é originário o guaraná?

R. — Do nosso Brasil. O guaraná é genuinamente brasileiro. É, no gênero, um desinfetante único. De notáveis propriedades medicinais, exerce ação benéfica sobre os rins e os intestinos, e age contra toda e qualquer fermentação viciosa...

GALHO DE URTIGA

Por ANTONIO CONSELHEIRO

QUEM AVISA AMIGO É...

ESTE velho reumático tem por lema: "os amigos certos vêm-se nas horas incertas." E é por isto que eu acho que o amigo, o verdadeiro amigo, não é o que anda a aprovar tudo o que outro faça, a três por dois. Não é aquele que, vendo-lhe defeitos e erros, não os aponta. Não! O bom amigo é o que mostra os senões, afim de que sejam emendados. É o que não deixa passar gato por lebre... Cair em erro é admissível, muito natural. Agora, persistir nele não tem desculpa...

Por isso, eu me sinto sempre á vontade para falar d'êste ou daquele assunto. Daqui mesmo do "GALHO DE URTIGA", tive ocasião de elogiar o programa que obedece á orientação de Renato Murce, na PRA-3: "Papel Carbono". O veterano "broadcaster" é um esbanjador de boas idéias, um cérebro fértil na maquinação de coisas interessantes. Desta vez, porém, permita-me o sr. Renato Murce, não posso dar o meu "amen". Sinto muito, mas... chorar não posso.

O velho Conselheiro é um ouvinte assíduo dos seus programas. Sou, sim. Tanto assim que ouvi as "Piadas do Manduca" da segunda-feira dia 19. E fiquei triste, sinceramente penalizado. Porque aquela boa toada, aquela admirável trilha de sadio humorismo, parece que está sendo olvidada, naquele programa. Está descambiando para as piadas fortes, muito ao gosto, talvez, de meia-dúzia dos "que não têm o que fazer" e vão para o auditório... Mas para o verdadeiro público de Rádio, que é o ouvinte que fica em casa, grudado ao seu receptor, rodeado da família (mulher, filhos, cunhada, sogra, etc) é de arrepiar o cabelo.

Aquela, então, do "dr. Leão estar treinando", amigo Renato, é de fazer corar um frade de pedra. E olhe que não sou nenhum puritano... Pelo contrário: gosto muito da minha piadazinha salgada, com um tiquinho de maledicência... Mas é como diz aquele provérbio que existe lá em Portugal, no pedestal da estátua do padre Vieira: "A religião é feito o sal á comida; nem muito nem pouco... o bastante." Não prossiga nele, amigo Murce! Quem avisa amigo é... E um homem prevenido vale por dois. Depois de você ter realizado programas como os que apresenta no Rádio Clube; ter conseguido a atenção do grande público; ter tido a seu favor as simpatias da crítica... para, no fim, destruir tudo, é obra criminosa! É o mesmo que matar um filho que a gente criou, cuidou com carinho, educou com desvelo! E eu não quero que amanhã o apontem como homicida, assim:

— Olhem... Ah vai o "Réo...nato"!...



1 — Jaime Faria Rocha, o distinto escritor da Rádio Mayrink Veiga, escreveu especialmente para FON-FON — "Iaiá Silva, a estrela", conto que publicaremos no próximo número. 2 — América Cabral, dona de uma linda voz de soprano, revelou-se ao microfone da Ipanema. Atualmente, faz parte da companhia de Beatriz Costa, no Teatro República. 3 — Carlos Roberto, um dos maiores valores da nova geração de intérpretes da música popular brasileira. Intégra com sucesso o "cast" da Rádio Mayrink Veiga.

NOVIDADES EM DISCOS

De EDGAR FREITAS

SEMPRE que se aproxima o carnaval, e as fábricas de discos dão início às gravações de músicas exclusivamente "momescas", interessante disputa se estabelece entre elas. Cada qual mais interessada em apresentar o melhor samba, ou a melhor marcha, na voz dos cantores mais credenciados...

Odeon, Columbia e Victor — entregues a técnicos competentes, como sejam Felisberto Martins, João de Barro e Vitorio Latari — não medem esforços, no sentido de apresentar selecionadas melodias.

Verificamos, nestes últimos tempos, o elevado critério das três empresas gravadoras, quanto à escolha das músicas. Critério sob todos os motivos elogiável, porque vem premiar reais valores da música popular e desfazer o tabú dos "maiorais" que, constituídos em grupos ou conjuntos nefastos, açambarcavam as gravações...

Estão de parabéns, portanto, os srs. Vitorio Latari, João de Barro e Felisberto Martins. E, também, os chamados "compositores sem cartaz", que agora poderão ouvir as suas produções gravadas em discos, desde que essas produções realmente o mereçam...

* * *

A Odeon parece disposta a ocupar o mais saliente papel no carnaval de 43. Conta, no seu elenco respeitável, com Francisco Alves, Gilberto Alves, Dirceinha Batista, Alvarenga e Ranchinho, Odete Amaral, Joel e Gaúcho, Almirante, Jararaca e Ratinho, Moreira da Silva, Newton Teixeira e seu conjunto, Quatro Azes e um Coringa, Ataulfo Alves e sua "Academia do Samba", Trio de Ouro, Rosina Pagã, Morais Neto, Cristina Maristany, Carolina Cardoso de Menezes, Antenógenes Silva, Raul Torres, Manézinho Araujo, Cândido Botelho, Nuno Rolland, Manoel Monteiro, Nhô Pai e Nhô Filho. E, agora, acaba de contratar Araci de Almeida, que fará sua estréia na Odeon com um disco da dupla Haroldo Lobo-Milton de Oliveira, constituído das músicas intituladas "Mãe, lá vem o bonde" e "Que passo é esse, Adolfo?". Por especial deferência do sr. Strauss, diretor da Odeon,

é que damos, hoje, em primeira mão, a notícia das músicas supra-citadas, que pertencem ao último suplemento da conceituada fábrica. E não param aí as atividades da Odeon: anunciará, brevemente, uma nova e sensacional estréia!

* * *

A nossa PRI publicará, no próximo número de FON-FON, os suplementos de outubro de todas as fábricas e os respectivos editores das músicas de sucesso.

Saneta-Perfil

A. Z.

Não sei se é alto ou baixo, escuro ou claro...
Apenas sei que é um "bicho" de talento!
Na fauna microfônica — declaro —
É sempre idéia, ação e movimento.

De tudo entende o professor preclaro.
Nas lutas da gramática é um portento!
E se, com o seu Sherlock, é artista raro,
Até no verso o homem marca um "tento"...

Na "Pranove" ele é um bamba de primeira!
Honra, portanto, a Rádio do Ladeira,
Honrando a língua e as artes do Brasil.

Tem um nome esquisito, "de patente"...
Quem o quiser saber que o busque ou tente,
Lendo, escutando ou vendo este perfil...

ALVIMAR SILVA

Passatempo «Microfone»

POEMETOS PUBLICADOS

1 — "Dona Vida"... 2 — "Ironia Cós mica". 3 — "Olhos Secos". 4 — "História Real". 5 — "Gigante de Pé". 6 — "Copacabana". 7 — "Dinheiro". 8 — "Leviana". 9 — "Guerra". 10 — "Canção do Século".

S. O. S.

Haverá, porventura, solução
Para o mal em que o mundo se debate?
Algo que empolgue, ou algo que ar-
[rebate,
Como única e suprema solução?

"Não há! Não há!" — responde o
[coração
Que em meu peito soluça, enquanto
[bate.

"Não há! Nem haverá!" — eis o re-
[bate
Ao horrído S. O. S. da aflição!

Então o mundo é mesmo intransfor-
[mável?
E há-de ser, sempre assim, tão mise-
[rável,
Por mais que a voz do Bem soluça e
[clame?!

E vem-me este delírio-furacão
De espremer o universo nesta mão,
Ou de arrasar com um murro a terra
[infame!..

ALZIRO ZARUR

UM PROFESSOR DE ENERGIA

De GOMES FILHO

AQUELA velha verdade do "mens sana in corpore sano" parece que veio de longe. Mas custou muito a fazer praça, aqui, em nosso meio! Pouca gente acreditava, em nossa terra, nas virtudes da ginástica, como processo metódico de educação. Alguns esportes, mais a título de diversão ou de jogo, foram-se espalhando. Havia quem jogasse "foot-ball", dando trabalho só às pernas! Outros remavam, dando trabalho só aos braços! O professor Campelo, depois, na rua das Marrécas, abria um curso que tinha como maior finalidade vender uns aparelhos de ferro com umas bolas nas pontas!

Só mais tarde é que surgiu, para o grosso do público, um verdadeiro professor de ginástica racional. E, coisa interessante, não foi mostrar as suas habilidades, quase nú, dando voltas na barra, ou fazendo demonstrações de gordos "biceps" ensinadinhos. Preferiu agir com mais sinceridade, de longe. E escolheu um microfone de Radio para, perto dele, instalar a sua escola. Isso foi há muitos anos, na antiga P R A - 9. O professor sincero chama-se Os-

waldo Diniz Magalhães. E hoje está na Rádio Nacional, onde presta, logo de manhã cedo, bons serviços às crianças, ao moços, às senhoras enxundiosas e aos cavalheiros barrigudos como eu. No ultimo dia 15, o popularissimo "broadcaster" fez anos. E os seus milhares (ou milhões, quem sabe?) de alunos organizaram, para comemorar a referida data, um festivo programa que começou á hora habitual das aulas e terminou á noite, no Teatro João Caetano, onde se realizou um grande espetáculo de arte e civismo, em homenagem á exma. sra. d. Darcy Vargas e em beneficio da Legião Brasileira de Assistencia.

Já houve por aí quem comparasse o prof. Oswaldo Diniz Magalhães ao célebre melro madrugador de Guerra Junqueiro.

Para mim, o que ele é, sem nenhum lirismo, é uma sirene do entusiasmo, um professor de energia.

Basta dizer que conseguiu fazer dêste pobre cronista um madrugador muito mais jovial do que o passarinho do poeta...



CAPITULO I

A HOSPEDARIA DO PRADO

CHAMAVA-SE simplesmente "Prado", e não precisava de mais, por estar tão em voga e ser tão famosa a hospedaria, e de tal maneira frequentada pela gente de bom gosto, como a celebre "Adivinhadora". Não havia parisiense que não soubesse que com a palavra "prado" queria designar-se o Prado da Cúria, prestigioso e lendário, e em cujo centro se levantava aquela hospedaria.

Passadas as muralhas de Paris, bem pela Porta de Nesle, ou pela de Bucí, e chegando-se á rua do Sena, que, naquela época, começava a cobrir-se de edificios, encontrava-se uma pequena travessa, e de um lado desta, a hospedaria, lamacenta no inverno e poeirenta no verão. Essa travessa seguia para a esquerda, acompanhando os muros cheios de ameias da abadia de São Germano dos Prados, e cruzava, á direita, uma série de outros campos, onde surgiam, aqui e ali, alguns olmos e azinheiros seculares, de perneio com árvores frutíferas, que formavam o Prado da Cúria.

Esse caminho público era conhecido pela travessa da Cúria. Veio depois a chamar-se rua do Pombal, e hoje é a rua Jacob.

A Hospedaria do "Prado" estava situada no fim da travessa da Cúria, perto do entroncamento de outra pequena rua, chamada de São Pedro, que ia ter á capela do mesmo nome. Essa é hoje a Rue des Papes.

Vista de fora, a hospedaria tinha o aspecto de uma pequena fortaleza; a paragem era deserta, propícia para as disputas, duelos e discussões, ali tão frequentes. Seu interior estava arrumado de jeito a proporcionar toda a comodidade á sua freguesia rica, e, o que é mais, toda a discreção possível.

No dia em que começa esta história, 5 de maio de 1560, como aliás nos demais dias do ano, era continuo o vai vêm de gente que se dirigia á hospedaria da moda, ou vinha dela, enchendo a travessa da Cúria. Os casais de namorados preferiam caramanchões discretos, levantados aqui e ali no jardim, por detrás do estabelecimento. Só os que iam desacompanhados procuravam a sala grande e comum.

Era uma sala de grandes dimensões, com o teto muito alto, alegrada por claros raios de sol, que penetravam por oito janelas abertas de par em par, pois que o calor se adiantara pela primavera a dentro. Dava gosto ver o grande salão, com suas enormes lareiras, uma em cada extremidade, transformadas em gigantescos suportes de flores coloridas e de ramagens verdejantes, e as filias de mesas de pés retorcidos, cobertas de toalhas branquíssimas, sobre as quais se alinhavam garrações cobertos de pó, ao lado de vasos de fino cristal e vasilhame de prata maciça. Criadinhas bem dispostas e bonitas corriam por entre as mesas levando pratos que espargiam, quando elas passavam, perfumes deliciosos — e tudo isso sob a

vigilância constante e a direção da senhora Jacqueline, amável e sorridente sempre, como costumava ser a dona daquele templo onde cada mesa era um altar á comida e á bebida.

No momento em que ali chegamos, a sala está cheia de fregueses. Naquela época era o jantar servido ao bater das cinco e, como já eram seis, aproximadamente, a refeição ia á altura da sobremesa, pelo que vamos encontrar os comensais bastante satisfeitos pelo que comeram e excitados pelas frequentes libações, armando conversas e discussões em infernal augaravia.

Entre os umbrais de uma porta que dava para o jardim apareceu uma jovem de dezoito anos, extraordinariamente bela, bulhçosa, flexível, infinitamente graciosa, de grandes olhos negros que eram ao mesmo tempo atrevidos e tímidos, travessos e ingênuos. Vestia com adorável desembaraço, á moda das camponesas de Bérnago, um traje elegante e de cores vivas.

A porta, em cuja soleira ficara a jovem, estava contadacortada na paredeshrdl kuo shrdl kuo shrdluo cortada na parede do fundo da sala, junto á lareira da direita, e quem de fora olhasse para a sala, por ela, viria, no canto formado por aquela lareira, uma mesa onde se achavam sentados dois homens, meio escondidos pelas grinaldas de flores e folhagens; um deles tinha aspecto hercúleo, e estava de costas para a porta, estando o outro de frente para o seu companheiro.

Era este último, evidentemente, um cavalheiro, aparentando uns trinta anos, muito elegante, bem parecido e de roupas enfeitadas. O que não restava dúvida é que não queria aparecer, e não lhe bastando o cortinado de ramagens, não deixara a sua capa; e quando esta, a um gesto mais brusco de seu dono, se abria, podia ver-se um suntuoso traje de seda e veludo. Daí daquele seu canto, seguro de não ser visto, o cavalheiro observava, com grande atenção, os menores gestos de um rapaz, muito jovem ainda, que fazia isoladamente sua refeição a uma mesa não muito distante. Seus olhos pardos adquiriam, ás vezes, uma expressão de ferocidade fria e calculada, aterrador, o que o levava com gesto nervoso e maquinal a retorcer as guias de seu bigode negro e sedoso.

Foi neste personagem truculento que a jovem primeiro fixou seu olhar e, fazendo um gesto de contrariedade, instintivamente deu um passo atrás, retirando-se. Levada, porém, pela curiosidade, adiantou-se novamente, e então seus olhos seguiram a mesma trajetória daquele olhar de ódio mortal. Descobrin-do a presença daquele jovem tão insistentemente mirado, a linda criatura deixou para trás toda a apreensão e resolutamente entrou na sala.

Foi a sua aparição saudada com uma verdadeira ovação, exclamações de alegria, que partiam de todos os pontos daquele imenso refectório.

— Florinda!

— A pequena da *buenadicho!*

— Florinda, a cruel!

Aceitou ela a unânime homenagem como se fora graciosa soberana, mas com o desdém de uma verdadeira rainha que ouve as aclamações de seus súditos, e então, com voz sonora, muito clara, e com o mais puro acento parisiense, disse, jovialmente, como se fôra uma esmola que estivesse atirando aos seus admiradores:

— Saúdo a todos, nobres senhores!

Serena e desenvolta, começou então a circular pela sala, passando por entre aqueles homens de rostos inflamados pelos vapores do alcool de vinhos generosos, que lhes tornavam os olhos brilhantes de desejo. Em seus modos e em sua atitude natural e indolente, em vão se procuraria o menor assomo de coqueteria.

Via-se, desde logo, que todos aqueles comensais não eram, para ela, senão prováveis clientes.

Seu único cuidado consistia em exercer honradamente o officio com o qual ganhava sua vida, isto é, dizendo a "buenadicha".

O que não restava dúvida é que Florinda devia ser prudente, pois manobrava de maneira a evitar o cavalheiro que lhe chocara a vista assim que entrara, tanto que quasi se deixara tentar pelo desejo de renunciar, aquela tarde, ao seu trabalho e, por conseguinte, aos lucros que, com certeza, iria sofrer, como sempre. Mas a verdade é que essa manobra se tornava muito difficil, pois que não havia outro caminho, e tinha mesmo de dar a volta á mesa e passar roçando quasi o tipo de aspecto hercúleo. Era certo que esse sujeito estava de costas, e parecia por demais atarefado em comer, pois tinha a boca cheia, e suas mandíbulas se mexiam com tanta avides que davam a impressão de que seu dono se desferrava de um longo jejum. E também era certo que o cavalheiro, que lhe ficava defronte, estava muito absorto em sua vigilância, pelo que talvez pudesse passar ela sem ser percebida.

Entretanto, ouvindo o nom perfumado e musical de "Florinda!", que trescalava a perfumes e tinidos de cristal, sobressaltou-se o fidalgo, voltando-se rapidamente para ella. Brilharam-lhe então os olhos, refletindo violenta paixão, de um temperamento selvagem, inquietante. Com o pé, por debaixo da mesa, chamou a atenção de seu companheiro e, em voz baixa, porém em tom imperioso, ordenou:

— Segura-a, Guilherme Pentecostes!

Pentecostes — e, franqueza, o homem parecia mesmo qualquer cousa nascida de um pesadelo em época de quaresma — levantou do prato os olhos e, com os olhos, o rosto, deixando ver então sua cara horrenda, cheia de cicatrizes e de costuras, e com um enorme bigode.

Sentia-se logo, á primeira vista, que ali estava um facinora, assassino por profissão, assalariado. Um bandido de aspecto formidável. Devia estar acostumado á execução rápida e passiva de ordens misteriosas, e a entender essas ordens dadas com meias palavras, pois, sem vacilar um só instante, estendeu um braço muito comprido, e, com sua mão muito grande e cabeluda, segurou a moça, levantou-a como se fôra uma pena e a colocou junto ao fidalgo, tudo isso no momento mesmo em que ella supôs que podia passar sem ser pressentida.

Florinda deixou ver um égare de asco, e brilharam seus olhos negros, ao mesmo tempo que a indignação lhe enrubescia as faces. Ia protestar, ruidosamente, mas se lhe antecipou o cavalheiro que estava a seu lado e que gritou, lançando a Guilherme Pentecostes um olhar terrível:

— Canalha! Sem vergonha! Não sei o que me contém que não te passo já a faca no pescoço, como a um pouco sujo! Como tiveste o atrevimento de pôr as mãos em "uma senhora"?

O bandido encolheu os ombros, abalxou a cabeça, como reconhecendo sua falta, esperando o merecido

castigo, com uma compunção que era logo desmentida pela expressão maliciosa de seus olhos. Tentou de desculpar-se e disse, com voz rouca e estudadamente trémula:

— Senhor barão...

— Silêncio, miseravel! — interrompeu, iracundo, o seu companheiro. — Deixa estar que ajustaremos contas quando voltarmos para casa!

E, enquanto Pentecostes de novo abaixava a cabeça sobre o prato, para esconder o sorriso que ia muito mal com a cara contrita que fizera, o barão voltou-se para a jovem, com ares respeitosos e solícitos.

Não se deixou Florinda enganar por aquella comédia, mas compreendeu que, com sua intervenção espontânea, lhe dera elle o direito de queixar-se, e guardou silencio. Também não se deixou enganar pelo respeito que aparentava, por ser aquele respeito demasiadamente exagerado para poder ser sincero. Podia retirar-se naquele momento, mas era valente, e não quis que sua retirada prudente fôsse interpretada como uma fuga covarde, pelo que esperou, demonstrando, com sua attitude, que estava disposta a fazer face, até o fim, ao que estivesse para vir.

— Formosa Florinda — continuou o cavalheiro, dando por terminado o incidente, — então passava de largo, sem querer vir dizer-me a *buenadicha*?

Sua voz era afável, carinhosa, mas seu sorriso continuava a ser equívoco e em seu olhar estava estampada uma paixão brutl e violenta, que lhe embaraçava um pouco as maneiras.

Estendeu a mão aberta, para a jovem, sem que ella desse sequer atençaõ, como se não visse o gesto do fidalgo, e, com frieza marcante e uma firmeza que não se poderia suspeitar em uma jovem de sua idade, disse, olhando-o sobre os ombros:

— Senhor Barão de Rospignac, já faz algum tempo que li a sua mão, e nada tenho a acrescentar ao que então lhe disse.

Tais palavras deviam ter um sentido oculto, que foram forçosamente compreendidas pelo barão, visto como franziu o sobreceño, dando claras demonstrações de inquietação. O olhar receoso que logo lançou em derredor, pelos circunstantes, deram a compreender, por sua vez, a Florinda, que a inquietação de seu interlocutor lhe vinha de ter ella pronunciado seu nome em voz alta. Um olhar de Florinda para elle, allás, de desafio, deu-lhe a entender que sabia muito bem que havia cometido uma indiscreção, e retirou-se sem dar demonstrações de querer saber se fizera mal em alguma cousa, mas apenas como quem corta uma conversação desagradável.

O barão esboçou um movimento como para segurá-la, mas logo se conteve e, seguindo-a com um olhar em que só havia ameaças, murmurou:

— Não!... Não!... Primeiro, antes de mais nada, o serviço!

Guilherme Pentecostes levantou seu focinho de cão de caça, e disse, em tom de desgosto:

— Sempre orgulhosa e deshumana!... Senhor barão, vamos confessar que o senhor não tem mesmo sorte. A única vez que se mostra disposto a deixar-se prender realmente nas redes do amor, deu-lhe para lançar os olhos sobre a virtude mais incorruptível do reino...

— Viva Florinda! — ouve-se de todos os lados.

Como se não tivesse notado a impertinente familiaridade de seu fámulo, que aliás tinha sem dúvida demasiadas razões para tolerar, grunhiu o barão:

— Paciência, Pentecostes, paciências! Ainda nos veremos outra vez... e não há nada como a espera de uma cousa boa.

CAPITULO II A BUENADICHA

FLORINDA dirigiu-se em linha reta para a mesa do cavalheiro para quem o barão lançava olhares tão obstinados. Não o conhecia, mas se interessava

por ele, unicamente por haver surpreendido aqueles olhares odiosos.

Era um rapaz alto, de uns vinte anos, mais ou menos, rosto cheio, o olhar cândido, tímido, assustado e de grande doçura, bigodinho erigido, com um traje de veludo cinzento sem adornos nem bordados, mas da fazenda mais custosa e fina que poderia haver, trazendo botas altas de couro de veado, e uma grande e forte espada pendente de seu cinturão.

Vestido assim, com tão suntuosa simplicidade, era impossível sonhar-se com mais graça harmoniosa e mais alta distinção, a par da mais juvenil elegância.

Florinda possuía, indubitavelmente, uma dessas almas artistas que não podem conservar-se indiferentes ante o que é verdadeiramente belo; por isso se pôs a admirá-lo com ingenuidade, sem segundas intenções e sem pensar sequer em dissimular sua admiração.

Nesse momento toda a sala saudava a jovem mas o rapaz, sem escutar essas exclamações grosseiramente laudatórias com que recebiam aquela moça, havia levantado a cabeça e a olhava, com olhos assombrados, lendo-se neles um delicioso encantamento.

Detiveram os dois, simultaneamente, a intuição de sua admiração recíproca, mirando-se fixamente. Era a primeira vez que se viam e, não obstante, sorriam um para o outro como se fôsem antigos conhecidos.

Tal cena, embora muda e rapidíssima, não escapou ao olhar atento do barão de Rospignac, e um fluxo de sangue subiu-lhe ao rosto, abandonando-o imediatamente e deixando-o imensamente pálido. Fez menção de levantar-se como que para intervir e interpor-se aos dois, mas logo se reprimiu, conseguindo acalmar-se mercê de um grande esforço que lhe banhou de suor o rosto. Lívido, apertando o braço de Pentecostes como se quisesse tritirá-lo, rosou, em voz rouca, rilhando os dentes:

— Viste, Pentecoste?... Viste aquelee olhar e aquele sorriso?

— Naturalmente! Não sou cego! — respondeu o bandido.

— Já se conheciam!

— Também me parece, ventre do diabo!

— E eles se amam!

— Ah está uma cousa que não me surpreenderia, senhor barão. E talvez esteja aí a explicação de sua tenaz resistência.

O rosto do barão de Rospignac adquiriu uma expressão de espantosa ferocidade.

— E eu ainda vacillava! — rugiu o cavalheiro, acariciando o cabo de seu punhal com gesto de terrível eloquência. — Eu, a conter-me com escrúpulos!... Viva Deus, senhor conde de Louvre!... Não tardará a saber, pelos cornos do diabo, como é perigoso procurar apanhar a caça que eu levanto!

— Mau, mau... — resmungou o bandido, a seu lado, para si próprio. — Palavra que não queria encontrar-me dentro do pêlo desse jovem... Uhn!... Já pode dar-se por morto e lhe leve a alma o demo!

Pentecostes, olhando com mais atenção o rapaz que seu amo designara com o pomposo título de Conde de Louvre, disse então, em voz alta:

— Não acha, senhor barão, que esse rapaz se parece extraordinariamente com um jovem que conhecemos?... Mas onde foi mesmo que o vimos antes?

Tais palavras como que tiveram força bastante para acalmar imediatamente o barão de Rospignac, a quem voltou o aspecto tranquillo, recobrando seus modos elegantes. Cravando seus olhos acerados nas órbitas de Pentecostes, interrompeu-o, com voz glacial:

— Não te preocupes com isso, nem voltes a meter-te onde não és chamado! Não metas o bedelho naquilo que não te importa! Trata mais é de irs preparando-te para o que possa suceder!

Sorriu alvarmente o bandido de aspecto terrível e, curvando o dorso, como cão de guarda a quem o pas-

tor ameaçou de uma bastonada, continuou o comer vorazmente.

Entretanto, Florinda dirigia-se ao rapaz, com voz insinuante:

— Deseja, cavalheiro, que levante a ponta do véu misterioso que oculta o seu futuro?

O conde de Louvre aceitou sem vacilar.

— Um futuro revelado por lábios tão lindos como os seus, adorável pequena, ha de ser forçosamente côr de rosa. Não vê que havia eu de perder esta oportunidade! — foi a resposta galante do jovem cavalheiro.

Riu-se Florinda, um riso fresco e sonoro, deixando ver uma dupla fileira de pérolas de puríssimo oriente; e riu-se também o conde, como criança animada e feliz.

— Deixe-me ver a palma da mão, cavalheiro... Não, não... essa não. A esquerda, a mão do coração.

— Aqui a tem, encanto em pessoa — respondeu o jovem, rindo gostosamente.

A mão que apresentou era admiravelmente cuidada, tão branca, assetinada e fina como as próprias mãos que a seguravam.

No momento mesmo em que se dispunha a graciosa adivinhadora a examinar as linhas daquela mão, gritaram várias vozes:

— Florinda! Venha cá!

Não havia, absolutamente, cortesia alguma naquele chamado, e as vozes que o proferiam eram demasiado imperiosas e insolentes. O Conde de Louvre tornou-se sério, lançando aos que gritavam um olhar altivo, frio, e mesmo glacial.

Florinda também voltara desdenhosamente a cabeça, e seu olhar, até ali vivo e alegre, logo se tornou sombrio e sério, o mesmo olhar que lançara um pouco antes ao barão de Rospignac.

Viera aquele chamado de um grupo de rapazes que ocupavam três mesas, ajuntadas umas ás outras no centro do salão.

Já Florinda os notara, quando entrara no grande refectório, pois que tinha partido deles a maior, mais alta e ruidosa aclamação; mas desde logo compreendera o estado em que se achavam, procurando por isso mesmo não passar muito perto deles.

Naquele momento, porém em que a chamavam com mais insistência, examinou-os mais demoradamente, com o olhar perspicaz de uma mulher habituada a apreciar, com um só olhar, o valor das pessoas; porque Florinda, sozinha no mundo, e sem qualquer outro apoio naquela vida penosa e rude que levava, contraira o costume magnífico de não contar nunca senão consigo própria.

Os que ali estavam eram todos jovens, de vinte a vinte e cinco anos. Eram ricos, a julgar pelo porte, e pelo custo do que consumiam e gastavam. Pertenciam, seguramente todos, a famílias ilustres; estavam todos mais ou menos embriagados e só eles, se bem que fôsem apenas seis, faziam mais barulho e desordem que todos os demais fregueses da hospedaria juntos.

Todos, menos um, que se conservava calado e sério. Era um rapaz de uns vinte a vinte e dois anos, de figura aristocrática e aspecto reservado e muito tímido. Tipo perfeito de fidalgo de velha heráldica.

Observou Florinda ser ele o único que se conservava sereno, em meio daquela balbúrdia. Seu porte digno, e o manifesto desejo de não atrair a atenção sobre si, contrastava de um modo absoluto com a atitude dos demais jovens aloucados, em cuja companhia estava, parecendo, entretanto, que muito a contragosto.

As aclamações de seus companheiros fizeram com que se voltasse para a jovem adivinha.

Evidentemente, era a primeira vez que a via, pelo que a princípio a olhou com curiosidade. Mas seus olhos, que aliás eram muito belos, piscaram apressadamente, como que deslumbrados, dilatando-se em

admiração ardente e profunda ocasionada pela aparição daquela jovem. E o certo foi que, a partir daquele momento, não mais lhe foi possível tirar-lhe a vista de cima, acompanhando-a em todas as suas evoluções pela sala.

Não reparou nisto Florinda, nem aliás poderia reparar. Mas, por outro lado, observou que, apesar da discreção com que virava a cabeça quando cruzava seu olhar com o daquele cavalheiro, estava sempre este a contemplá-la, extasiado. Não obstante, a bela adivinha respondeu ao grupo, com uma frieza que era realmente muito rara de sua parte:

— Já vou, senhores... Bem veem que estou agora ocupada...

A razão apresentada áqueles rapazes não lhes parecia bastante suficiente, pois sentiam-se orgulhosos de si mesmos e de sua importância; mas talvez fôsse o olhar do Conde de Louvre, e seu porte, que impusessem mais respeito, pois que se limitaram a replicar:

— Mas anda depressa, que o Visconde de Ferrière quer conhecer-te.

Mas seria aquilo possível? Então o mais perfeito cavalheiro da Corte não conhecia Florinda? Oh!... Isso era inaudito, extravagante, incrível!

Gritavam e falavam todos ao mesmo tempo, em sua admiração mútua, sem se preocupar com os demais fregueses do estabelecimento, como se não existessem para eles.

Sorriu Florinda, e, olhando maliciosamente para aquele cujo título lhe tinha sido exposto, respondeu evasivamente:

— Chegará a sua vez, senhor Visconde de Ferrière.

O visconde, perturbado por aquele sorriso que evidentemente lhe fora dirigido, respondeu com saudação profunda e graciosa. Quanto a seus companheiros, na crença de que o lindo sorriso lhes era dirigido, e satisfeitos com isso, não insistiram mais.

— Queira perdoar-me, cavalheiro — disse Florinda ao conde de Louvre, que, com paciência, a esperava.

— Vai aceitar o convite daqueles... senhores? — perguntou, amavelmente, o conde, mas com profunda seriedade na fisionomia.

— Não — respondeu ela, com um gesto encantador. — Estão embriagados demais para que eu me arrisque a ficar um momento sequer com eles.

O conde assentiu, com um movimento da cabeça.

— Vejamos o que diz esta mão — prosseguiu a adivinha, em tom jovial.

O Conde de Louvre tornou a apresentar-lhe a mão aberta. Examinou-lhe Florinda as linhas e então seu rosto, tão alegre e garoto, rapidamente tomou uma outra expressão de infinta compaixão, ao mesmo tempo que ela pensava:

— Pobre moço...

Passou despercebido ao rapaz aquele olhar de piedade e lástima, e ele sorriu com certo desdém, como se não tomasse a sério aquela consulta. Mas a atenção com que olhava para a sua própria mão, e a ligeira contração de suas feições, indicavam que dava também êle mais importância do que queria apresentar. Surpreendeu-se, mesmo, pelo prolongado silêncio da pitonisa, e, levantando a cabeça, disse, com um sorriso forçado:

— E então?... Não me diz nada?

Bem depressa a jovem recobrou seu ar malicioso, e disse, alegremente, com acento de profunda convicção:

— Nada vejo de excepcional. Uma vida longa e feliz, sem contratempos de qualquer espécie... O senhor, cavalheiro... viverá muitos anos.

— Muitos? — interrogou êle, com manifesta incredulidade. — Quantos? Uns cinquenta?

Fingiu Florinda que examinava ainda mais atentamente as linhas daquela mão, e sustentando, sem pestanejar, o olhar perscrutador do conde, reafirmou, com mais convicção ainda que antes:

— Mais... muito mais... Passará dos cinquenta anos.

Respirou o jovem, como aliviado de um grande peso, e exclamou, com um espanto desta vez sincero:

— Deveras?

— Não me engano nunca! — respondeu Florinda, com uma convicção que era realmente comunicativa.

Desta vez acreditou o conde de Louvre, e, alegre, contentíssimo, perguntou, com curiosidade infantil:

— Mas... como pôde saber?

Seguiu-se uma longa explicação, estudadamente confusa, acerca do que havia lido na palma daquela mão, a linha da vida que se prolongava indefinidamente, e disse tanta coisa e tão bem se saiu para convencê-lo, que o Conde de Louvre tomou o copo de Saumur que tinha em sua frente, e, levantando-o, brindou com o vinho generoso a saúde da linda adivinha.

E agora, cheio de alegria, meteu a mão em uma bolsa cheia de moedas de ouro e, com um gesto de régia munificência, entregou á jovem um punhado delas, uma soma tão grande que com ela poderia viver folgadoamente por todo um ano.

Florinda guardou aquelas moedas com ar de bastante indiferença, dizendo simplesmente:

— *Merci, monsieur.*

— Mas não me disse, entretanto, o que eu mais desejava saber — reteve-a o conde, com timidez encantadora, segurando-lhe a mão.

— Que mais deseja saber, cavalheiro? — perguntou a adivinha.

— Se serei afortunado em amores... — replicou o jovem, enchendo-se de coragem, e novamente apresentando-lhe a mão.

Florinda pôs-se a rir, com um riso claro, cristalino e sedutor.

— Para isso não é sua mão que deve olhar, cavalheiro — respondeu ela. — Consulte antes o seu espelho.

— Meu espelho?! — perguntou, espantado, o conde.

— Seu espelho, sim... Olhe-se nele, e lhe pergunte, que terá imediata resposta. Meu caro, quando se tem um rosto como o seu, e uma figura tão elegante e sedutora, forçosamente se há de ser feliz em amores. E ela se foi, rindo sempre.

Seguiu-a com o olhar o conde de Louvre, deixando transparecer claramente em seus olhos uma simpatia real e profunda.

— É uma pequena adorável! — murmurou.

E Florinda, ao deixá-lo, ficara, por sua vez, a pensar nele, enquanto ia rodeando as mesas:

— Mentí... mentí descaradamente..., mas não me arrependo. Fiz uma boa ação. Graças á ilusão com que lhe enchi o coração, êsse pobre cavalheiro não suspeitará, por um só momento, que está irremediavelmente perdido. Que a Morte é a sua prometida... E o pobre desventurado a querer saber se será afortunado em amores... Tem bem perto de si a noiva, que o espera com os braços abertos, descarnados, e o levará consigo antes de seis meses!

CAPITULO III

(DA HOSPEDARIA, AO PRADO, NÃO HÁ MAIS QUE UM PASSO

FLORINDA ia de um para outro lado, evitando com destreza passar junto ao grupo bulçoso e barulhento, que, aliás, parecia tê-la esquecido. Ia semeando esperança e alegria, pois, como havia feito com o conde de Louvre, nunca presagiava desgraças. Dessa maneira fazia com que todos ficassem contentes, e recebia, pelas boas predições, punhados de moedas de ouro e de prata, que ia embolsando sempre com a mesma indiferença.

Foi andando assim que chegou até a lareira da esquerda, resguardados pelos arbustos e grinaldas de folhas, com que a senhora Jacqueline a havia adornado, e onde estava um grupo de cinco indivíduos, fazendo "pendant", por assim dizer, com o grupo formado do outro lado pelo barão de Rospignac e seu apaniguado Pentecostes.

Quatro daqueles homens haviam já passado dos quarenta anos. Eram fidalgos? Assim o davam a entender, pois, quando se dirigiam, uns aos outros, no decurso da conversação, jamais esqueciam o tratamento de "Senhor" e da partícula "De". Era, assim, o "Senhor De" Corpodibale ou o "Senhor De" Bouracan...

Na verdade, estavam soberbos com seus magníficos trajes. Mas via-se logo que estes eram demasiadamente novos, excessivamente ricos, de elegância por demais exagerada, e tão carregados de galões, bordados, laços e penas, que seus donos se sentiam realmente assoberbados por tanta cousa.

Seus modos eram também mui dignos e graves; mas notava-se neles certa falta de garbo e um exagero em tudo, denotando claramente um estudo paciente e laborioso. Tinham a graça do elefante que se esforça por imitar os movimentos graciosos e flexíveis de uma gazela.

Não se podia olhar para eles sem que viesse um desejo imenso de se dar uma boa gargalhada... Mas, quando se olhava para suas faces rubicundas de bigodes retorcidos, seus olhos terríveis, que pareciam desafiar o mundo inteiro, as queixadas que se diriam feitas para devorar, e as espadas que levavam á cinta, sentia-se uma necessidade imperiosa de conter o riso... ou, pelo menos, não permitir que eles o notassem.

Falavam em voz baixa, como gente educada, mas ás vezes se esqueciam, e de seus lábios escapavam pragas e juramentos.

Trinquemaille era parisiense; Strapafar, provençal, ou melhor, puro gascão; Corpodibale, o nome o indicava, era italiano; e Bouracan era flamengo.

O quinto personagem não teria mais de uns vinte e dois anos, cavalheiro de fisionomia impressionante que não podia passar sem ser pecebida, de olhar franco e leal, sorriso triste, elegância perfeita debaixo de seu traje rico e simples de uma cor escura, porte ativo e nobre e ar de irresistível autoridade. Não intervinha, absolutamente, na conversação de seus companheiros, estando calado e pensativo, mirando fixamente o Conde de Louvre que estava de costas para ele. Quando, porém, seus comensais levantavam um pouco demasiadamente a voz, chamavam-os á ordem com um olhar severo, e então Trinquemaille murmurava, melosamente, como era seu costume:

— Senhores, senhores... Acalmem-se, que não é de bom tom falar-se aos gritos!... De que lhes serviram as lições de etiqueta e cortesia que nos deram, quando tínhamos a honra de ser gentis-homens da rainha Catarina? Cuidado, senhores, porque o Cavalheiro de Beaurevers acabará zangando-se e, então, ai de nossas costelas!

Com que respeito e admiração pronunciou aquelas palavras — o Cavalheiro de Beaurevers!

Os outros lançaram olhos assustados para aquele jovem Cavalheiro de Beaurevers com o qual eram ameaçados, e pelo qual tanto tremiam. O cavalheiro virou para eles a cabeça em um sorriso de fraternal indulgência e eles abaixando as suas sobre o peito, desculpavam-se lançando-se a culpa mutuamente, como fazem os meninos... Meninos já crescidos e terríveis!

— Não tenho culpa... Este senhor de Corpodibale não saberá nunca estar em boa companhia!

— *Dio Santo!* Não sou eu, mas o Senhor de Bouracan, que não sabe comportar-se, *per la Madonna!*...

— *Mein Gott!* Mas então terei que pagar as culpas do Senhor de Strapafar?

Florinda passou ante esse grupo, correspondendo com um sorriso á saudação discreta do Cavalheiro de Beaurevers. Os outros, mexendo-se nas cadeiras como se estivessem sentados sobre alfinetes, seguiram-lhe o olhar, abobados, e romperam-se-lhe os diques da admiração.

— Por todos os anjos do céu, esse é o mais bonito de quantos desceram á terra! — disse Trinquemaille, com a untuosidade de sempre, que o levava ás cousas celestes.

— É mais radiante que o sol! — comentou o gascão Strapafar.

— Mas ue modelo lindo para pintar-se uma "madonna"! — exclamou Corpodibale.

— Uma *bequena* deliciosa e *ponita* — grunhiu Bouracan.

A arrecadação daquela noite tinha sido abundante para a jovem, que se dirigiu para a porta, decidida a deixar o salão. Mas os amigos ruidosos do Visconde de Ferrière não a haviam esquecido, conforme pensara, e puseram-se a protestar com gritaria infernal.

— Que é isso, Florinda? Então já se vai embora?

— Então não somos nada, hein?

— Mas isso é uma traição!

Pareciam mais bêbedos e excitados que antes. A moça procurava uma frase cortês para aquietá-los e fazer que se ficassem em suas mesas, sem que a levassem a mal. Mas os rapazes não lhe deram tempo nem para abrir o lábios, e em um abrir e cerrar de olhos se viu ela cercada de modo a não poder escapar. A resistência seria inútil, pelo que teve de seguí-los, e eles a levaram, triunfalmente, á sua mesa, rindo e gritando como loucos.

— É's nossa, Florinda!

A jovem franziu as sobrancelhas, envolvendo a todos em um olhar tão severo que aqueles jovens amalucados como que se sentiram perturbados. Mas Florinda compreendeu achar-se em uma situação que, embora não comprometida, era, entretanto, bem desagradável e, achando que para sair-se dali melhor seria o emprego de cordura, tomou ar menos severo e disse, sorrindo amavelmente:

— Vamos, senhores! Tenham juízo senão, eu me vou embora. Quem é que quer que eu lhe diga a *buenadicha*?

Acreditou, de boa mente, que dessa maneira logo a deixassem em paz, mas estava completamente enganada. Um dos rapazes, chamado Saint-Solin, gritou desafortadamente:

— Queremos lá saber de futuro! O que nos interessa agora é o presente! E, para mim, o presente está... em teus beijos! Por quanto os vendes? Põe-lhes o preço que quiseres, pois que, como vês, minha bolsa está cheia, e não costumeo regatear.

Assim falando, pôs-lhe na frente uma bolsa de marroquim que, realmente, parecia estar cheia de moedas de ouro, tal o somido desigualável que deixou, ao chocar-se da bolsa sobre a mesa.

Saint-Solin interpretava fielmente, sem dúvida, o pensamento de seus companheiros, pois que todos o aplaudiram, aprovando sua proposta, apresentando-se cada qual como licitante em um leilão, lançando suas ofertas.

Só o visconde de Ferrière se quedou como que enojado. Não disse uma só palavra, e não fez um gesto sequer, mas dirigiu aos amigos um olhar em que havia desdém e reprovação e, como atraído por um íman, virou sua cabeça para o jovem, esperando com ansiedade uma resposta.

Ante tão inqualificável ultraje, Florinda empalideceu, e, com os olhos chispando de indignação, levantou a cabeça com soberana dignidade, dizendo, com voz bastante alta para ser ouvida em todo o salão:

— Basta de brincadeiras, senhores! Deixem que me retire em paz! Só assim poderei esquecer a grosseria

imprópria de quem, como os senhores, se dizem cavalheiros!

Produziu-se na sala um silêncio sepulcral, e todos os olhares se fixaram no grupo que se tornou o centro de atenção geral.

O Conde de Louvre exteriorizou suas intenções apertando o cinturão com um gesto rápido, ao mesmo tempo que cravava nos insultadores o seu olhar de aço, altivo, glacial e ameaçador, o mesmo que lhes dirigira momentos antes, quando gritavam por Florinda.

O Cavalheiro de Beurevers acariciou com um gesto nervoso o copo de sua espada, e seus quatro companheiros, vendo-o tão agitado, fizeram menção de desembainhar suas lâminas.

O Barão de Rospignac, por sua vez, se levantou, vivamente, resolvendo a intervir. Mas, lançando o olhar sobre o conde de Louvre, deixou-se ficar onde estava, como tendo os pés cravados no solo. É que, como já havia dito anteriormente — "Primeiro, o serviço"!

Allás, mui grave devia ser aquela missão de que estava encarregado, pois que o esforço que fez para se conter foi basten para fazer o suor alhojar-lhe o rosto.

Pentecostes o observava, com um riso escarvalho na face horrenda.

Quanto ao visconde de Ferrière, com os olhos cravados em Florinda, que parecia uma rainha concedendo uma graça a seus súditos, fez o mesmo movimento de Beurevers, crispando convulsivamente a mão direita no copo de sua espada.

Os jovens bêbedos que rodeavam Florinda tiveram uma vaga intuição de que representavam um mau papel, e talvez tivessem retrocedido de seu propósito, já que estavam ainda em tempo. Desgraçadamente, porém, a-pesar-do estado de embriaguez em que se encontravam, vieram a notar todos aqueles olhares ameaçadores que se dirigiam para eles, e então, "bancando" o valente, saudaram as palavras da linda Florinda com fortes gargalhadas, revelando seus pensamentos com exclamações as mais grosseiras.

— Viva Deus! Mas desta vez não me escaparás!

— Já estás enojando a todo o mundo com essa virtude insuportável!

— Vamos acabar com isso de uma vez!

— Estamos mas é dando muito importância a uma mulher da sarjeta!

Procuraram envolvê-la, e Saint-Solin teve mesmo a ousadia de pôr-lhe a mão em cima, com demonstração de querer abraçá-la. Mas Florinda se desvencilhou, dando-lhe violento empurrão, e gritando então, bem alto:

— Vocês são cinco homens, e só por isso se atrevem a ultrajar uma mulher!... Não há aqui um cavalheiro?

E seu olhar cai diretamente sobre o visconde de Ferrière, que observava essa cena com atenção apaixonada, assombrado pelo que via e ouvia.

O visconde, que estava pálido, se fez rubro, quasi roxo.

O conde de Louvre levantou-se rapidamente.

Beurevers e Rospignac também se puseram de pé, ao mesmo tempo que diziam, ambos e cada um para o que era seu, a ordem:

— Atenção!

Mas não olhavam para Florinda, e sim para o conde de Louvre, por cujos movimentos regulavam os seus, sendo que o jovem fidalgo ignorava, ou pelo menos fingia ignorar, a estreita vigilância de que era objeto.

— Basta! — gritou uma voz jovem, ardente e cheia de indignação. — Mas isto é intolerável!

Quasi simultaneamente se ouviu um golpe seco, semelhante ao de uma chicotada.

O visconde de Ferrière, respondendo ao apelo de Florinda, lançou aquele grito e, tendo desembainhado

a espada, fustigara a mesa com a lâmina espalmada.

Surpreendidos, os jovens borrachos saltaram a pressa, não sem chisparem raiva pelos olhos, ao mesmo tempo que rilhavam os dentes, e fizeram frente a quem se atrevia a perturbar-lhes a diversão e ousara falar-lhe em tom de autoridade insuportável e insolente.

Florinda aproveitou aquela confusão que se seguiu, para fugir. Não se retirou, porém, sem lançar um olhar de gratidão a seu defensor, que aliás, não o viu, já que estava entretido em conter aquela matilha ameaçadora, gesticulante barulhenta.

O conde de Louvre sentou-se tranquilamente, dizendo em voz alta, para que todos pudessem ouvi-lo:

— Bendito seja Deus! Até que enfim apareceu um cavalheiro!

Beurevers e Rospignac também se sentaram, ocultando-se por detrás da cortina de ramagens, no que foram imitados por seus companheiros.

Com a retirada de Florinda, o incidente adquiriu as proporções de uma modesta disputa. O acontecimento era por demais corriqueiro naquele lugar, para despertar maior interesse que aquele momentaneamente levantado, pelo que seu final passou quasi despercebido.

— Foi para nós que disse aquilo? — perguntou Saint-Solin, rubro de cólera.

— Que significa isso de dizer impertinentemente "Basta!", no tom em que disse? — interrogou outro, de nome Saverny.

O visconde de Ferrière respondeu desdenhosamente às perguntas que lhe eram dirigidas:

— Sim, foi para os senhores mesmo, e parece-me que fui bastante claro no que disse. No entanto, se querem explicações mais amplas, e mais positivas, estou disposto a dá-las. Pode ser ali mesmo, no Prado, que não fica distante.

Sublinhou tais palavras com um sorriso que por si só era já um insulto, ao mesmo tempo que, com desenvoltura, esgrimia sua espada de uma maneira bastante significativa.

Uma série de juramentos, de pragas, de rugidos e de surdas ameaças se fez ouvir, e logo após, uma saída tumultuosa.

O visconde de Ferrière safou por último, tranquilamente, sem dar a menor demonstração de pressa.

CAPITULO IV

O PRADO DA CÚRIA

TRES ou quatro curiosos levantaram-se precipitadamente, saindo a correr atrás dos turbulentos rapazes, na ânsia de presenciar o espetáculo sangrento que ia desenrolar-se.

O conde de Louvre jogou sobre a mesa duas moedas de ouro — com as quais cobria várias vezes o gasto que fizera, e saiu, por sua vez, denotando forte preocupação.

O Cavalheiro de Beurevers, o Barão de Rospignac e seus sequazes levantaram-se e apressaram-se em segui-lo bem de perto.

Dirigiram-se todos para a travessa da Cúria, que abandonaram logo depois para internar-se pelo prado.

No extremo do prado, entre o Sena e a capela de São Pedro, havia uma elevação, em cujo cimo volteavam as pás de um moinho de vento. Achava-se essa eminência a pequena distância da travessa, que, por isso, tomara o nome de "La Coline", designação que mais tarde veio a mudar pela de "Rue de Saint Guillaume", que hoje ainda conserva.

Foi na direção dessa colina que se foram os adversários do visconde de Ferrière.

O Visconde, os demais personagens que mencionamos há pouco, e os curiosos os seguiam a certa distância, separados, e espalhados, á esquerda e á direita.

Somente Pentecostes havia desaparecido e nos permitimos acompanhá-lo por alguns momentos.

Cumprindo uma ordem de Rospignac, partira ele como uma flecha, dobrando para a direita, seguindo ao longo dos fossos da abadia, em direção á cidade. Chegando que foi á Torre de Nesle, deu um assobio modulado todo de um modo especial, e a esse sinal, dos fossos e das irregularidades do terreno, asomaram, cautelosamente, umas cabeças de lobos esfaimados, de olhos ardentes como brasas, e colmilhos prontos a triturar a presa. Eram nada menos de doze, todos homens de aspecto patibular, que havia de infundir espanto e terror aos corações mais intrépidos.

— Atenção! — disse-lhes Pentecostes, baixando a voz, quando se viu cercado por eles.

A ordem era muito breve, mas também bastante explícita, pois que se fizeram ouvir exclamações indistintas, e logo voltou cada um a seu posto, desaparecendo vultos, bustos e cabeças, como se tivessem sido apenas figuras de um pesadelo.

O próprio Pentecostes dentro em pouco se eclipsava também, escondendo-se, sem dúvida alguma, em algum buraco, com se fôra monstruosa toupeira.

De novo reinou o silêncio naquelas paragens. Nada poderia deixar suspeitar que estava preparada uma emboscada, ali naquele campo florido, iluminado pelos últimos raios de sol que, lentamente, e já de cor avermelhada, declinava no horizonte.

Enquanto isso, os adversários de Ferrière chegavam ao sopé da colina.

Tendo ido até ali em virtude de uma provocação coletiva, reservaram-se o direito de fazer uso do ataque também coletivo, isto é, de juntos enfrentarem o desafiante, o que naquela época era permitido, de acôrdo com as regras do duelo. É de supor que, estivessem eles em seu juízo perfeito, e jamais teriam consentido em uma luta tão desigual de cinco contra um; mas, no estado de embriaguez em que se encontravam, e cegos pela ira, nem sequer pensaram nisso e se puseram em guarda, manifestando assim, claramente, a intenção de exercer o direito que o costume tornara lei.

Ferrière chegou ao local, não fazendo nenhuma observação a respeito, mas o sorriso desdenhoso que errava em seus lábios indicava bem o que pensava de semelhante proceder. Mostrava-se tranqullo, e mesmo indiferente, mas seus olhos despediam sinistros fulgores quando fitava Saint-Solin. Dir-se-ia que era a este rapaz que ele queria, em especial, aplicar o castigo, aliás merecido.

Com a capa envolvendo o braço esquerdo, á guisa de escudo, com um punhal na mão do mesmo lado, e a espada zunindo na direita, foi ele o primeiro a atacar.

Imediatamente se fez como que um turbilhão luzente de aço, um furioso chocar de armas, e logo após ouviu-se um grito, seguido de um lamento. Um dos cinco adversários de Ferrière caiu, a vomitar sangue, ficando estendido no solo, com os braços abertos em cruz. Era Saint-Solin, o primeiro que o visconde viu, no desejo do castigo e de pô-lo fora de combate.

Ferrière deu um salto para trás e respirou com força. Tinha levado uma cutelada na blusa, mas a arma não lhe havia tocado a carne. Sem se dar sequer ao trabalho de olhar-se, e ao rasgão, voltou ao assalto, e um novo torvelinho de aço em choque terrível de lâminas de aço, uma espantosa confusão, e uma voz que grita:

— *Touché!*

Outro homem saiu da fila dos atacantes, e levava a mão esquerda ao braço direito que ele comprimia, sem poder obstar que o sangue logo tingisse de rubro a manga de sua blusa malca. Era Saverny.

Repetiu o visconde a mesma manobra de colocarse fora do alcance das lâminas de seus adversários, tomando alento. Mas foi curto o tempo que tomou

para refazer-se, e de novo, como se fôra um tigre, saltou para a frente de seus contendores; pela terceira vez atacou, triunfando também, pela terceira vez. Outro combatente caiu, arrastando-se penosamente, para sair daquele círculo em que ainda três homens saltavam, procurando separar-se do local da luta. Chamava-se Requebron.

Ferrière tinha a roupa em frangalhos e a capa que enrolara no braço, e com a qual aparava os golpes, estava completamente estrançalhada. Não havia, porém, recebido qualquer golpe de importância, e no ardor do combate nem mesmo aqueles arranhões elle sentia.

Continuou lutando com os dois adversários que tinham ficado de pé, e que se chamavam Bonneval e Abancourt. O embate era, agora, mais violento, mais encarniçado, mais terrível, pois que aqueles dois rapazes haviam recobrado o sangue frio e compreendiam bem a situação em que se achavam, fazendo-lhe furotamente face.

Nesse momento, porém, Saverny deu um salto e, com risco de físgar-se nas lâminas aceradas das espadas dos duelistas, se interpôs, separando as armas dos combatentes com o braço são, a gritar:

— Basta!... Basta!... És um valente, Ferrière, e jamais me perdoarei a vilania que cometi de te-te atacado em grupo!

Requebron, que estava sentado no chão, um pouco afastado do círculo formado pelos quatro, comprimindo com ambas as mãos uma coxa, de onde saía sangue a jorros, aboçou o que dizia o companheiro.

— Sim, sim... basta! — disse ele. — Tens razão, Ferrière. Portamo-nos como vis mendigos. Merecemos, foi mesmo muito bem merecida, a lição que nos deste.

Dissipara-se-lhes a embriaguez, e a lealdade com que reconheciam suas faltas demonstrava que podiam ser de temperamento muito exaltado, frívolo e imprudente, mas, no fundo, eram bons rapazes.

Ferrière, inclinado e com a ponta da espada apoiada em sua bota, fixava com olhos chispantes seus dois adversários, á espera de sua decisão.

Bonneval e Abancourt titubeavam. Sendo dois contra um, poderiam renunciar ao duelo sem menoscabo para sua honra? Era tão clara esta pergunta em seus olhos, que Saverny lhes respondeu como se a tivessem feito em voz alta.

— Precisamente por serem dois contra um — explicou, — não se poderá dizer que se retiraram da luta por medo.

— Embaíinha, Bonneval!... Embaíinha também tú, Abancourt! — insistiu Requebron. — Fomos todos uns loucos!

Por fim, Abancourt e Bonneval, compreendendo que não havia outra cousa a fazer, juntaram os pés, sudaram com suas espadas o visconde e as meteram em suas bainhas, como lhes era aconselhado.

E, como se isso não lhes bastasse, acharam que deviam também apresentar suas excusa ao adversário vencedor, dizendo, envergonhados:

— Desculpe-nos, visconde. Estávamos bêbedos!

Era impossível desejar e mesmo obter uma vitória mais completa. Entretanto, Ferrière não se mostrou orgulhoso de seu triunfo, e antes, voltando a seu ar reservados e tímido, retribuiu a saudação com a mesma graça galante de seus adversários.

— Por Deus! — exclamou ele. — Bem sabia eu que, quando lhes passasse a embriaguez, haviam de arrepender-se do que haviam feito. Não falemos mais nisso!

Era uma reconciliação franca e leal, entre rapazes também francos, que selaram com fortes apertos de mão a promessa de um esquecimento que agradava a todos.

Apressaram-se em correr então, todos, para Saint-Solin, que não dava sinal de vida.

CAPÍTULO V

FLORINDA

FLORINDA apareceu, naquele momento, no caminho que conduzia à porta do moinho.

Dali, daquele ponto elevado de observação, oculta pelo capinzal alto e fechado, tinha presenciado a luta designada da qual fôra ela a causadora involuntária; e, quando viu que tinham sido escutados os seus votos fervorosos pela vitória daquele jovem desconhecido, que havia saído em sua defesa de maneira tão cavalheiresca, e por ela se tinha batido tão valentemente, começou a descer a encosta, com passo apressado. Desejava agradecer-lhe e ao mesmo tempo felicitá-lo por ter saído ileso do inaudito combate. Estava pálida, e tremia ainda, já que a emoção recebida tinha sido muito violenta; mas aquela jovem, que parecia quasi uma menina, de aspecto débil e delicado, devia ser dotada de uma alma forte e generosa, pois seus olhos, em geral maliciosos e doces, exprimiam naquela momento o entusiasmo que lhe havia causado o sangrento espetáculo do qual havia sido testemunha.

Os adversários de Ferrière, agora reconciliados, estavam de costas para a colina onde se achava o moinho, de onde vinha ela, e por isso não podiam vê-la; mas o visconde, que estava de frente para aquele caminho, logo a viu, pelo que de sua mente e de seus olhos fugiu tudo o mais, seus companheiros e o moribundo — e talvez morto — da épica luta que havia sustentado; só tinha olhos para ela, e êle, que não havia tremido um momento sequer durante todo o duelo singular, sentiu calafrios que lhe corriam por todo o corpo.

— Diabos! — exclamou Bonneval — Ferrière, mas seja dito sem ânimo de ofender-te... Tens não demasiado dura! O pobre Saint-Solin está morto.

Florinda, que vinha vindo, ouviu essas palavras, e suas finas feições se contraíram, cerrando por momentos os olhos, e aumentando a palidez de suas faces.

O visconde de Ferrière, porém, não as ouvira, que toda sua atenção era para a jovem, em quem tinha cravado o seu olhar.

Acabaram os outros por compreender o alheamento de Ferrière, e seguiram-lhe o olhar, voltando-se, e só então viram, já a poucos passos, a linda Florinda. Descobriram-se os quatro, simultaneamente. Os três que estavam em pé, isto é, Saverny, Bonneval e Abancourt, inclinaram-se, como se estivessem ante uma rainha. A jovem deteve-se, perplexa e assombrada.

— Senhora — disse Abancourt, digna e gravemente, — meus amigos e eu pedimos encarecidamente que aceite nossas humildes desculpas, e nos perdoe um momento de loucura.

Generosa, interrompeu ela, vivamente:

— Asseguro-lhes, senhores, que já havia esquecido o que se passara entre nós.

Falou em tom que arrancou Ferrière de seu sonho, pois aquela voz melodiosa tinha a magia dos sons celestiais, e o visconde admirou-a mais ainda, dizendo para si, já que seus lábios continuavam apertados pela emoção:

— Jamais em minha vida vi atitude mais digna e encantadora!

Mas a verdade é que no íntimo daquele homem se travava um feroz combate, pois que êle se manteve ereto e frio, dizendo, mentalmente, com furor concentrado e inexplicável para si próprio:

— Mas estás louco, Ferrière?... Não te esqueças que essa é filha das ruas e que, sem dúvida, acabará por entregar-se ao primeiro de quem goste ou que lhe pague bem!...

Mas o interessante é que seu pensamento trabalhava e êle dirigia para si próprio aquelas cousas todas, ri-

lhando os dentes, ao mesmo tempo que havia fulgores estranhos em seus olhos, de ordinário tão serenos, e, maquiavelmente, apertava o copo de sua espada. Por que esses sentimentos?

Enquanto isso, os três rapazes diziam, com sinceridade tão evidente, que impossível duvidar dela:

— Agradecemos suas palavras, senhora. É a generosidade personificada.

— Mais que isso, senhora, sois tão boa quanto sois formosa, e tão formosa como discreta; porque, viva Deus!, sabemos, como toda Paris sabe, que vossa virtude é inexpugnável.

— E não esqueceremos jamais, senhora, que sois digna de todos os respetos.

Assim falaram os três, um de cada vez, na ânsia de exprimir cada um seus sentimentos. Ferrière, que os havia escutado com toda a atenção, repetiu, mentalmente:

— Generosidade personificada... Virtude inexpugnável... Toda Paris sabe... Mas será realmente digna de todos os respetos, como pensam êles?

Florinda aceitou essas homenagens sem pestanejar, como toda mulher que tem consciência de seu valor moral. Com uma ligeira inclinação de cabeça, despediu-se deles.

Os três amigos do visconde saudaram-na respeitosamente, enquanto ela se retirava.

Dissolvia-se então o grupo de curiosos que havia sido testemunha daquele lance dramático, e cada qual se foi para seu lado. Apenas dois dos circunstantes se aproximaram dos quatro amigos, oferecendo-lhes seus serviços; e enquanto uns ajudavam Requebrón a transportar-se, por não poder ir por seus pés, Bonneval e Abancourt levantavam o cadáver de Saint-Solin, tratando de levá-lo para o moinho, que era a vivenda habitada mais próxima.

Florinda e Ferrière ficaram sós, pois que o rapaz caminhava a seu lado, Florinda seguiu, com olhos tristes, o cortejo fúnebre, e murmurou, com voz entrecortada de emoção:

— Foi por minha causa que o senhor matou um homem... Que horror!

— Foi porque êle se atreveu a pôr-lhe a mão!

Tais palavras brotaram involuntariamente dos lábios de Ferrière, como impelidas por força irresistível e, sem dúvida, traduziam muito claramente vagos sentimentos, dos quais, provavelmente, êle próprio não tinha consciência, tanto que se calou assombrado daquilo que acabava de dizer. E seu pensamento mais uma vez trabalhou, dizendo êle para consigo:

— Como?... Ela tem razão... Foi por causa dessa mulher que mataste um companheiro, Ferrière!... Mataste um amigo, por uma mulher a quem nem ao menos conheces!...

Por momentos fecha os olhos, a olhar seus próprios pensamentos, e termina por balbuciar, já que seus lábios se movem imperceptivelmente:

— Apesar-de tudo, sinto que, se for necessário, voltarei a fazer o mesmo... Oh! meu Deus!

Ainda assim, não queria compreender que aquelas palavras, ditas bem no seu ímo, eram uma completa confissão do estado de sua alma, apesar-de toda sua simplicidade.

Mas Florinda não se enganava. Sentiu-se profundamente perturbada, e um leve estremeamento sacudiu-a dos pés à cabeça. Bem depressa se controlou, porém, e seus olhos fixaram-no; olhos perscrutadores. Séria e pensativa, ela se quedara como querendo ler em sua fisionomia o valor que queria êle dar às palavras que se haviam soltado de seus lábios.

Desde logo percebeu que havia plena sinceridade da parte dele, mas compreendeu também que êle próprio não percebia realmente o que dissera, e voltou a caminhar em direção da travessa da Colina, visivelmente preocupada.

Ferrière, que, também, pouco a pouco, se controlava, descobriu-se com gesto elegante de cortezia, e

conservou-se a seu lado sem mais despegar os lábios, ou porque não quisesse distraí-la de seus pensamentos, ou porque seu cérebro também estava sobrecarregado, procurando elucidar o que se passava em seu íntimo.

Mas Florinda estacou. Sentia-se que tomara uma resolução. Tinha a voz embargada pela emoção, que havia experimentado, tal a gravidade com que preferiu o que estava para dizer:

— Senhor Visconde, expusiste vossa vida por uma desconhecida. Quisera conhecer a linguagem das damas da Corte para expressar-vos a minha gratidão nos termos elevados que merece tão nobre ação; mas sou uma pobre filha da rua, sem família, sem amigos, sem fortuna, sem nome sequer, e somente posso dizer-vos, com toda a sinceridade de minha alma, e com o coração nos lábios: — Obrigada, Senhor Visconde!

— Oh!... — respondeu Ferrière, com indiferença. — Não falemos mais disso, pois não vale a pena.

Protestou Florinda, meneando suavemente a cabeça. Juntando as mãos, abriu muito os olhos como querendo exprimir melhor o que seus lábios descreviam, e disse, animando-se, a seu pesar:

— Mas eu vi aquela luta desigual!... A luta épica... o "élan" irresistível de um homem denodado contra cinco adversários... Eu vi o redemoinhar flamejante de uma espada invencível... as estocadas... os golpes rudes e fortes... Eu vos vi, senhor, eu vos vi em meio daquela luta... e esse quadro jamais se apagará de minha memória!

Ante êsses entusiasmos transbordante, Ferrière inclinou-se, ruborizado.

Acalmou-se a jovem, e, estendendo-lhe a mão, com movimento irrefletido, ajuntou com a voz doce e acariciadora:

— Pedirei a Deus, todos os dias, e também á Virgem e aos Santos, que vos concedam a felicidade a que tendes direito, Senhor Visconde.

O fidalgo apertou entre as suas aquela mãozinha tão branca, tão fina e delicada que mais de uma grande dama da Corte invejaria; e por momentos a reteve.

Ela viu que êle se perturbava e vacillava, como se tivesse algum cousa para dizer, sem atrever-se a falar, talvez por não saber como exprimir-se. Mas logo brilhou em seus grandes olhos um lampejo de malícia, e, retirando a mão que êle continuava a reter entre as suas, disse, com doçura que comoveu Ferrière até suas entranhas:

— Adeus, Senhor Visconde.

Logo em seguida prosseguiu o caminho. Por momentos se deixou êle ficar, como preso ao solo: mas bem depressa se cobrou ânimo e decidiu-se alcançá-la, e em duas largas passadas estava de novo a seu lado, para perguntar-lhe:

— Voltaremos a ver-nos ainda?

Parou de novo Florinda, e voltou-se para êle, olhando-o fixa e demoradamente. Viu que êle se envergonhava, mas denotando esperar com ansiedade sua resposta. Uma nuvem de tristeza passou por sua frente de marfim, para dissipar-se quasi imediatamente, e ela respondeu recobrando sua alegria habitual:

— Tendes algum interesse em ver-me novamente?

— Muito... muito...

— Po's então me vereis.

— Quando?

— Quando quiserdes.

— Onde?

— Onde vos aprouver.

A clareza dessas respostas e o sorriso que as acompanhou, devolveram ao visconde todo o seu "aplomb". Êle não a conhecia, e não podia por isso mesmo apreciar a malícia ligeira que havia naquele sorriso; não viu senão as aparências, que estavam de acôrdo com seus próprios desejos.

Riu-se, também êle, respirou com fôrça, como aliviado de um grande peso, acreditando que não preci-

sava acrescentar mais nada, pois que a sua causa já estava ganha. Foi isso mesmo que logo deu a entender, dizendo, candidamente, mas como descaramento pouco cavalheiresco:

— Então só me falta saber onde mora... Vejo que me autoriza a visitá-la em sua casa.

Florinda ficou por momentos calada, abaixando a cabeça, os olhos empanados. Mas levantou a cabeça para responder:

— Senhor Visconde, minha casa é a via pública. Filha da rua, é a rua minha propriedade... Af fica a minha casa, onde podereis encontrar-me a qualquer hora; as praças as ruas e as esquinas são os meus salões.

Essas palavras, ditas com infinita doçura e firmeza inquebrantável, causaram-lhe o efeito de uma martelada na nuca. O visconde tornou-se rubro até a raiz dos cabelos, e ficou a olhá-la, com os olhos muito abertos.

Florinda não ria mais; seu rosto estava anuviado, extremamente sério.

— Senhora — respondeu êle, por fim, com profunda reverência e voz ligeiramente trêmula, — acaba de dar-me uma lição, muito merecida certamente, e eu lhe juro que jamais a esquecerei.

Tinha sido esta conversa travada na encruzilhada formada pelas ruas de Bucí, "des Fours" (dos Fornos) e "des Boucheries" (dos Açougues), em cujo centro se levantava a torre da abadia de Saint Germain. Haviam os dois chegados até ali sem sentir a caminhada. Florinda, despedindo-se, seguiu pela rua "des Boucheries" em direção á cidade.

Quanto a Ferrière, por momentos se deixou ficar em meio á encruzilhada, a retorcer, nervosamente, as pontas de seu bigodinho, olhando, pensativamente, a figurinha encantadora que se esfumava ao longe, sem voltar a cabeça uma só vez sequer. Quando, por fim, a perdeu de vista, pareceu-lhe que a noite deixara cair rapidamente seu manto em derredor.

Finalmente alijou de seu cérebro os pensamentos que ali ficaram a voltejar, como mariposa que se perseguissem e rodeassem a luz sem querer mais abandoná-la. Deixando então escapar um suspiro, e apressando o passo como quem quer recuperar o tempo, foi pela rua Bucí, entrou na travessa da Cúria e encaminhou-se para a Porta de Nesle.

CAPÍTULO VI

O CONDE DO LOUVRE

O duelo do Visconde de Ferrière com Saint-Solin, Saverny, Bonneval, Aboncourt e Aquebron tinha tido muitas testemunhas, e entre elas o conde de Louvre, o barão de Rospignac, o Cavalheiro de Beau-revers e os quatro matamouros, ex-gentishomens da rainha Catarina, os senhores de Trinquemalle, de Strapafar, de Corpodibale e de Bouracan.

Chegou o momento em que devemos ocupar-nos de alguns desses personagens

Terminado o duelo, pela maneira aqui narrada, o conde de Louvre destacou-se do olmeiro ao qual se encostara, dando alguns passos em direção ao visconde de Ferrière, para felicitá-lo e testemunhar-lhe sua estima e simpatia.

A chegada de Florinda não lhe permitiu levar a cabo êsse ato de cortesia, sendo que o casal de jovens logo depois se retirava pelo caminho da Colina sem notar a aproximação do simpático fidalgo que, para não interromper-lhes a conversa, discretamente se afastara deles.

Quando Florinda e o Visconde desapareceram por detrás da Colina, o conde de Louvre permaneceu um momento indeciso. Então decidiu o caminho a tomar e, dando volta ao moinho, seguiu-o percativo, mas ao longe.

Rospignac, ocultando-se por detrás de árvores ou metendo-se em fossos que bordejavam a estrada, folhes no encaço, não muito distante do conde, a quem cobria com olhar mortal de ódio.

Beaurevers, e seus quatro sequazes haviam desaparecido. Talvez tivessem tomado á esquerda, pelo caminho de São Pedro. O exato é qu e não os viamos mais.

Os quatro personagens — o casal, o conde de Louvre e Rospignac — seguiam o mesmo caminho. Chegando á encruzilhada onde Florinda e Ferrière se separaram, talvez que cansado por estar a segui-los, o conde de Louvre abandonou-os e tomou o caminho da esquerda, voltando a alcançar a travessa da Cúria, dirigindo-se á Port de Nesle, a cujos arredores não tardou a chegar.

Entretanto, após ele, como sombra ameaçadora, seguia Rospignac.

Realmente caía a tarde, rapidamente, como notara o Visconde de Ferrière. Aquele local, risonho, quando o sol banhava com seus raios a sombria torre de Nesle, que se levantava ameaçadoramente ás margens do Sena, tomava um aspecto sinistro e inquietador á hora do crepúsculo.

O conde, porém, parecia estar já acostumado áquele espetáculo, que não o atemorizava, pois que proseguia em seu caminho, tranquilo e despreocupado.

Entretanto, naquele momento se fez ouvir um apito prolongado e sibilante, que perturbou o silêncio reinante até então. O conde, levando a destra rapidamente ao copo de sua espada, lançou em torno o seu olhar perscrutador.

Viu, a poucos passos do caminho que ele trilhava, como que um formigueiro de larvas monstruosas, que rastejavam, saindo de buracos. Desembainhando a espada, gritou, com voz firme e imperiosa:

— Para trás!

As larvas puseram-se de pé, tomando aspecto de seres humanos — se é possível dar esse nome a animais carniceiros — e aqueles homens rodearam o fidalgo, gritando:

— A bolsa, ou a vida!

— Ora!... — disse o conde para si — São salteadores de estrada.

Não se lhe abateu o ânimo, embora ele viesse desde logo a notar que, em vez de procurar arrebatá-lhe a bolsa, como teriam feito realmente quaisquer bandidos, passaram a atacá-lo furiosamente, com a evidente intenção de matá-lo!

Sob aquele aspecto débil e delicado, possuía o conde de Louvre uma tempera combativa, alma assombrosa, e era um espadachim temível, dotado de punhos de aço e de surpreendente destreza e flexibilidade. Fazendo de sua espada um molinete, manteve os bandidos á distância. Eram cinco os atacantes, e no fan do ataque bem se via que não cuidavam absolutamente de sua bolsa, mas lhe queriam a vida. Mas a resistência que lhes opôs desde o começo disse aos atacantes que a cousa seria mais dura do que haviam esperado, nem mesmo em sonhos.

Compreendeu bem depressa o conde de Louvre quão perigosa era a sua situação. Não querendo embora pedir auxilio, entretanto lançou um grito aos bandi-

dos, que indiretamente era um chamado para qualquer transeunte próximo:

— Para trás bandidos! Deixem-me passar!

Desgraçadamente, nada respondeu áquele chamado, e os assalariados do crime redobram seus esforços, lançando-se ao embate violentamente. Duas ou três vezes teve o conde a sensação de que alcançara seus agressores, e as pragas e gemidos que feriam seus ouvidos, em meio daquela retinir de aço, confirmavam-lhe a idéa de que seus golpes não haviam falhado. Nenhum de seus adversários, porém abandonava a luta, e o jovem fidalgo via em sua frente, chispantes, cinco lâminas formidáveis, que não lhe davam sequer um segundo de descanso.

Verdade era que, a pesar de tudo, até ali se encontrava ileso, não tendo recebido nem mesmo um pequenino arranhão. Mas aquilo não poderia durar muito. Suas forças esgotavam-se, e em sua mente passou o pensamento sinistro:

— Oh!... Será que terei de morrer aqui, em meio da estrada, assassinado por um grupo de salteadores?

Naquele momento, porém, ouviu uma voz que gritava:

— Resistí por alguns momentos, senhor!

Já dois assaltantes caíam por terra. Ferrière, que acabava de intervir tão oportunamente, com o punhal na direita, fer'a de ponta e de gume. Logo depois na direita, fer'i de ponta e de gume. Logo depois dizia:

— Respirai um pouco, senhor. Descansa!... Três bandidos são muito pouca cousa para um fidalgo.

Entretanto, o conde não descansou, como lhe recomendava Ferrière, mas tomou apenas alento por uns segundos, e, voltando ao ataque, ao lado de seu salvador, entre duas estocadas aproveitou um rápido momento pra agradecer-lhe a intervenção:

— Senhor Visconde de Ferrière, — disse — decididamente sou um dos antigos paladinos que punham seu braço e sua espada invencível a serviço dos fracos e oprimidos.

— Conheceis-me, senhor?

Cruzando espadas, ao retinir do aço, que por vezes despidia chispas resvalando em outra lâmina, os dois continuavam:

— Estava eu no Prado quando ouvi pronunciar o vosso nome... e desde então me inspirastes viva simpatia... Tendes agora direito... "Toma, bandido!" a meu agradecimento, pois que, se não chegassels tão prontamente em minha ajuda... Francisco, conde de Louvre... já não existiria mais. Permitti que vos diga que me considerarei, honrado se me contardes no número de vossos amigos.

— O honrado serei eu, senhor conde.

Os bandidos, espantados ante aquela calma e aquele desprezo desconcertante, não perdiam uma só sílaba daquela diálogo, aliás fantástico naquelas circunstâncias; e, como a conversação que mantinham os dois fidalgos não os impedia de esgrimir, outro malfetor caiu, atravessado o peito pela espada do conde, que se havia atirado a fundo, com a rapidez do raio.

(Continua no próximo número)



COMO SABER SE OS SEUS ANÚNCIOS NO RÁDIO ESTÃO SENDO IRRADIADOS ?

A Empresa de Publicidade Cruzeiro poderá fornecer-lhe diariamente um boletim com o número exato de textos e o horário em que foram irradiados.

Única Empresa Controladora de Anúncios em Rádio existente no Rio de Janeiro.

RUA DA ASSEMBLÉIA N.º 36 - 1.º and. — Tel. 42-6529 — RIO DE JANEIRO

"FON-FON"

Revista Semanal Ilustrada

COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELETA

Diretor: SERGIO SILVA

Direção, Redação e Oficinas:

62, Rua da Assembléia, 62

Telefones: Administração: 22-4188

Diretor: 22-0377. Caixa Postal: 87

Endereço telegrafico: FON-FON — Rio de Janeiro

PREÇO DAS ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

(Registrada)

Ano..... (52 ns.) 48\$000 Ano..... (52 ns.) 70\$000

Semestre (26 ») 25\$000 Semestre (26 ») 35\$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

(Registrada)

Ano..... (52 ns.) 78\$000 Ano..... (52 ns.) 115\$000

Semestre (26 ») 40\$000 Semestre (26 ») 60\$000

As assinaturas terminam e começam em qualquer mês.

Toda correspondência deve ser dirigida à

COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELETA

Representante em S. Paulo:

WERTHER FARINELLO

Rua S. Bento, 220 - 3.º andar

Tel.: 2-1612 — Caixa Postal, 285

End. Telegrafico: FARINELLO

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité — Garçon & Le-

vindrey — Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII

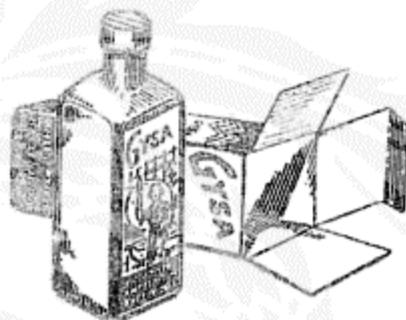
Ludgate Hill — Londres.

Venda avulsa 10000 Numero atrasado .. 10000

SENHORAS!



NUMEROS ATESTADOS MEDICOS COM-
PROVAM QUE "GYSA" E O PRODUTO
QUE DEVE SER PREFERIDO PELAS SE-
NHOIRAS SENEHATAS.



Os romances de "Fon-Fon"

Preço Pelo Correto

Amores de Nanico — 8 fasciculos....	4\$000	4\$800
O Fim de Pardaillan — 8 fasciculos..	4\$000	4\$800
O castelo Saint Pol — 9 fasciculos.	4\$500	5\$400
João Sem Medo — 6 fasciculos.....	3\$000	3\$600
Don Juan — 7 fasciculos.....	3\$500	4\$200
Rei Amoroso — 9 fasciculos.....	4\$500	5\$400
O Rival do Rei — 7 fasciculos....	3\$500	4\$200
A Rainha do Argot — 18 fasciculos.	6\$500	7\$200

PEDIDOS A

COMPANHIA EDITORA FON-FON E SELETA

RUA DA ASSEMBLÉIA, 62 — RIO

INSTITUTO ABDON LINS

DR. ABDON LINS

Titular da Academia Nacional de Medicina.

Do Laboratorio Bacteriologico da Saúde

Pública. Catedratico da Escola de

Medicina e Cirurgia. Docente da

Faculdade Nacional de Medicina.

SEÇÃO DE ANALISES CLINICAS:

EXAMES DE SANGUE, PUS, ETC.

CONFECÇÃO DE VACINAS

AUTOGENAS, ETC.

RUA RODRIGO SILVA, 30

(1.º andar)

Telefone: 22-1385

SUPER CERA
G O S C M
PARA SOALHOS

Usando-a uma vez por mês
terá o soalho sempre
brilhante.

O SEU DIA CHEGARÁ...

BRONNER
Cikini



CONTOS

7 DE NOVEMBRO